JWONU

COLÉGIO EMBRAER JUAREZ WANDERLEY

União Africana

“Conflitos africanos, suas motivações e consequências sociais”

Alisson Lauro Nunes

Anthony Pascoal dos Santos

Rayane Aguiar Miranda Pereira

APOIO INSTITUCIONAL

UNIC Rio

Sumário

1. Carta aos delegados/de apresentação……...6
2. O comitê……... 7
3. Razões pelas quais os Estados são violentos……... 8
3.1. Apartheid……...9
3.2. Colonização europeia……... 11
3.3. Descolonização……..12
3.4. Escravidão…….. 13
4.Conflitos étnicos-religiosos……...14
4.1. Religião no continente africano……... 14
4.2. Conflitos tribais……...16
4.3. Guerra Civil Centro-Africana……....16
4.4. Restrição Religiosa na Eritréia, Moçambique e Sudão……... 17
4.5. Perseguição contra as minorias…….18
4.5.1. Islâmicos na Argélia e Líbia……..18
4.5.2. Comunidade LGBT……18
4.6. Conclusão dos conflitos religiosos……..19
4.7. Consequências da imposição de uma cultura…….. 20
5. Disputas pelo poder na África……21
5.1. Histórico e reflexos das guerras civis africanas……....21
5.2. Abuso de autoridade……22
5.3. Crises sudanesas…….. 23
5.4. O complexo conflito na República Democrática do Congo……24
5.5. O conflito em Burundi……....25
5.6.A guerra civil na Líbia……26
6. Financiamento dos grupos terroristas……... 27
6.1. Insurgência Islâmica na Nigéria…….. 27
6.2. Terrorismo no Egito, Mali e Somália……...28
7. Violência dos Estados e grupos terroristas contra a população africana……....29
8.Posicionamentos dos participantes……30
8.1. Países-membros……....31
8.1.1. África Setentrional……31

8.1.2. África Oriental……..37
8.1.3. África Ocidental…….. 45
8.1.4. África Central……...52
8.1.5. África Austral……...60
8.2. Organizações observadoras…… 63
9.Conclusão……... 66
10.Filmes, séries e livros recomendados…….. 66
11.Referências Bibliográficas…….. 68

1. Carta aos delegados/de apresentação

O continente Africano é composto por uma cultura ampla e rica – porém, pouco explorada pelos meios de comunicação de massa em que estamos acostumados, como cinema e música – e, por esse motivo, a diversidade africana acaba por não se tornar evidente no cotidiano. Ademais, esse berço da humanidade sofreu e sofre até hoje devido a influências holandesas, inglesas e neocolonialistas, inibindo o continente de se tornar uma nação singular, com características próprias.

A África do Sul possui onze idiomas oficiais, sendo o inglês o mais usado – demonstrando as cicatrizes de séculos de sofrimento e angústia. Todavia, o conhecimento acerca das nações africanas necessita ir além dessas marcas - é necessário celebrar sua herança em outros países, como no Brasil, país constituído por grande miscigenação cultural.

Entretanto, é importante explicitar que a presença do negro nesse país foi em um cenário de escravidão, e que as marcas dessa miscigenação nem sempre são positivas. Assim, esse passado escravocrata ainda permanece não somente no território nacional, mas também em todo o globo – as queixas de injúria racial vêm aumentado consideravelmente nos últimos anos e é, portanto, urgente refletir acerca dessa problemática para poder mudá-la.

Diante desse contexto, criar um comitê africano na sexta edição da JWONU é fundamental, já que é necessário ratificar a igualdade de todos – independentemente da cor, raça, gênero, religião e conceitos ideológicos -, não se esquecendo das questões culturais dos países africanos como um todo e também das particularidades de cada país – 54 nações africanas, mais de mil línguas nativas e diversas subculturas e costumes diferentes.

Entre esses e outros paradigmas sociais, esse comitê pretende discutir sobre o tráfico de armas e de pessoas, que afeta diariamente a vida de milhões de

habitantes; crimes contra indivíduos LGBTs, que incluem perseguições públicas em alguns países e a luta contra a “propaganda gay”; o alto índice de misoginia, como a retirada de clitóris de mulheres com justificativa de herança de costumes, o que leva ao relativismo cultural; a entrada de países africanos abaixo da linha da pobreza e a persistente guerra contra a fome; entre outros temas também importantes.

Esperamos que os delegados leiam o guia aqui exposto, estudem acerca do tema apresentado e, além de tudo, apreciem a pesquisa e debatam com muito empenho! Muito bem-vindos à União Africana!

Atenciosamente,

Alisson Lauro Nunes

Anthony Pascoal dos Santos

Rayane Aguiar Miranda Pereira

2. O Comitê

“Uma África integrada, próspera e pacífica, impulsionada pelos seus próprios cidadãos e representando uma força dinâmica na arena global”. Esse é o lema da União Africana, organização que nasceu em 1999, na Declaração de Sirte, e sucedeu a OUA, Organização da Unidade Africana. A UA tem a visão de que uma África nova, promissora, dinâmica e integrada será plenamente concretizada, por meio da luta em várias frentes e do esforço a longo prazo. A UA deslocou o foco de apoiar os movimentos de libertação nos antigos territórios africanos sob o colonialismo e o *apartheid*, conforme previsto pela OUA desde 1963 e o Acto Constitutivo, para uma organização que lidera o desenvolvimento e integração de África.

Os objetivos da UA são:

- Conseguir maior unidade e solidariedade entre os países africanos e os povos da África;
- Defender a soberania, a integridade territorial e a independência de seus Estados membros;
- Acelerar a integração política e socioeconômica do continente;
- Promover e defender posições comuns africanas sobre questões de interesse para o continente e seus povos;
- Encorajar a cooperação internacional, levando devidamente em conta a Carta das Nações Unidas e a Declaração Universal dos Direitos Humanos;
- Promover a paz, segurança e estabilidade no continente;
- Promover princípios e instituições democráticas, participação popular e boa governança;
- Promover e proteger os Direitos Humanos e os povos de acordo com a Carta Africana dos Direitos Humanos e dos Povos e outros instrumentos relevantes de direitos humanos;
- Estabelecer as condições necessárias que permitam ao continente desempenhar o seu papel legítimo na economia global e nas negociações internacionais;

- ➢ Promover o desenvolvimento sustentável nos níveis econômico, social e cultural, bem como a integração das economias africanas;
- ➢ Promover a cooperação em todos os campos da atividade humana para elevar os padrões de vida dos povos africanos;
- ➢ Coordenar e harmonizar as políticas entre as Comunidades Económicas Regionais existentes e futuras para a realização gradual dos objetivos da União;
- ➢ Avançar o desenvolvimento do continente, promovendo a pesquisa em todos os campos, em especial na ciência e na tecnologia;
- ➢ Trabalhar com parceiros internacionais relevantes na erradicação de doenças evitáveis e na promoção da boa saúde do continente.

3. Razões pelas quais os Estados são violentos

Os Estados africanos são atingidos por variados conflitos embasados em disputas territoriais, golpes de estados, disputas por água e recursos naturais e a miséria sofrida pelo povo. Ademais, no decorrer da história do continente africano, diversos momentos de violência contra a população foram evidentes. Alia-se a esses aspectos o processo de colonização da África, uma vez que diversas regiões foram alvos da utilização da mão de obra escrava por várias nações em vários momentos da história - muitas vezes, com a estrutura política africana estagnada, alguns grupos nativos africanos cooperavam com os colonizadores, fato que intensificou as disputas entre as tribos.

Nesse contexto de escravidão, muitos africanos foram tratados como uma mercadoria inanimada – segundo a ONG Gelédes, a partir análises de documentos desse período, os negros eram chamados de “peças”, tendo seus corpos examinados a fim de verificar a ausência de doenças ou deficiências -, sua etnia, religião e lar foram amplamente desrespeitados. Além do desrespeito à integridade física, houve também o desrespeito à integridade psicológica, já que eles foram

levados para terras desconhecidas, onde desconheciam, muitas vezes, a língua local, o que aumentava ainda mais a violência contra eles; foram separados de suas famílias; agrupados em línguas, culturas e costumes diferentes, além de ficarem, muitas vezes amordaçados e acorrentados.

Também por meio de documentos da época, é sabido que os senhores tentaram amenizar a existência desse cenário por meio de biografias e relatos feitos por eles mesmos, evidenciando uma tentativa de justificar a escravidão. Paralelamente, diversos outros relatos também surgiram, escritos por escravos, demonstrando a existência de outra realidade. O escravo mulçumano Omar ibn Said, como forma de proteger seus escritos, relatou seu cotidiano em árabe, descrevendo seu senhor como “um homem perverso” e “um infiel completo”; ademais, menciona a existência de guerras e disputas em diversos reinos e tribos por toda a África, o que favoreceu a comercialização de pessoas - *“Então veio ao nosso lugar um grande exército, que matou muitos homens, e me levou ao grande mar, e me entregou nas mãos dos cristãos, que me amarraram e me enviaram a bordo do grande navio e nós navegamos no mar grande por um mês e meio”*.

Diante do alto índice da venda de humanos, diversas áreas do continente africano foram despovoadas, além do prejuízo cultural devido à imposição não apenas do idioma, como também dos costumes do colonizador. Esses prejuízos acarretam consequências ainda hoje, como a marginalização social e a discriminação.

A fim de amenizar essas consequências, em 2011, a ONU protagonizou a Conferência Contra o Racismo, em Durban. Nesse evento, as nações africanas solicitaram que os países que promoveram e/ou se beneficiaram da escravidão e do colonialismo fizessem reparações financeiras e se desculpassem formalmente, além de solicitarem que o colonialismo e tráfico fossem considerados “crimes contra a humanidade”. O tráfico humano foi reconhecido como crime contra a humanidade; os Estados desenvolvidos ficaram responsáveis por tentar reverter as

consequências do escravismo e do colonialismo, mas não houve pedido formal de desculpa e o colonialismo não foi declarado como “crime contra a humanidade”.

3.1. Apartheid

Durante a colonização europeia promoveu-se a crença de inferioridade dos negros; nesse contexto, eles deveriam ser subalternos aos brancos, o que gerou segregação racial - separação arbitrária de indivíduos baseada na ideia de “raça” - “*Apartheid*”.

Essa situação hostil vivenciada pelos habitantes negros da África do Sul foi instaurada após a Guerra dos Bôeres - conflito entre os Bôeres, holandeses que moravam no sul do território, e os britânicos, que habitavam as regiões circunvizinhas. Em 1886, a descoberta de outro na região gerou luta pela posse de terra, os britânicos conquistaram o Estado Livre de Orange e a República da África do Sul, tornaram os dois Estados um só e, em 1910, constituíram a União da África do Sul sob o governo da minoria branca.

Embora a segregação racial fosse promovida há muitos anos, em 1948 foi legalizada. A eleição do Partido Nacionalista liderado por brancos ocasionou o *Apartheid*, regime que legalizava essa segregação por meio de leis que favoreciam a comunidade branca. Leis que reforçavam a exclusão em reuniões sociais e instalações públicas e que ocasionavam uma segregação governamental, com medidas acerca da moradia e do emprego, foram promulgadas.

As primeiras leis da política em questão foram relacionadas às relações inter-raciais; em 1949, foi criada a lei que proibia o casamento entre pessoas de raças diferentes e no ano seguinte surgiu a “Lei da Imoralidade”, que condenava relações sexuais entre indivíduos de cores diferentes. Há relatos que indicam a prisão de homens brancos que estupraram mulheres negras, mas que não foram presos pelo estupro e sim por terem tido relações sexuais com uma pessoa negra. Em 1951, A “Lei de Prevenção à Ocupação Ilegal” permitiu que diversas “favelas” negras fossem destruídas por estarem localizadas em bairros racialmente segregados.

Os sul-africanos eram classificados em quatro grupos raciais: bantu - nativos da África do Sul - de cor, mestiço, brancos e asiáticos - imigrantes do subcontinente indiano. Para que pudessem adentrar em espaços públicos exclusivos para brancos, tinham que apresentar uma caderneta que identificasse sua raça, tal ato tinha que começar a ser feito quando a pessoa tivesse entre 16 e 18 anos.

No dia 21 de março de 1960, a data que originou o dia dos Direitos Humanos da África do Sul, ocorreu o Massacre de Sharperville. Cerca de 300 manifestantes protestavam contra as leis de trânsito em Sharperville, a polícia sul-africana atacou os manifestantes com armas de fogo, 69 pessoas morreram e 180 negros africanos se feriram. Tal evento impulsionou o início da resistência armada da África do Sul contra a política do apartheid.

Concomitante a essas manifestações, o Partido Nacionalista encerrou as atividades do Congresso Nacional Africano e o Congresso Pan-Africanista, uma vez que ambos manifestavam-se favoráveis ao controle governamental feito por negros – maior parcela da população. Diversos membros dos congressos em questão foram detidos, incluindo Nelson Mandela, o qual se tornou o símbolo do *Antiapartheid*.

Nesse contexto, vários indivíduos Antiapartheid fugiram da África do Sul e reuniram apoiadores de outros países, como Moçambique, Guiné e Tanzânia. Diante de tamanha pobreza vivenciada pelos negros por causa da segregação racial, o movimento contra a política segregacionista adquiriu visibilidade e apoio de países que não se encontravam no continente africano.

O Apartheid chegou ao fim no início da década de 90, após manifestações marcadas pela violência, e a África do Sul, de maneira democrática, teve o militante Nelson Mandela como seu primeiro presidente.

3.2. Colonização europeia

O período de colonização na África, o qual durou em média de 1880 até 1935, ocasionou várias mudanças em um curto tempo, as quais são descritas pelo

historiador Albert Adu Boahen como as mais “importantes”, “espetaculares” e também as mais “trágicas”. A colonização pode ter sido motivada pela independência dos países do Novo Mundo e pela Revolução Industrial, ou seja, quando as nações americanas se tornaram independentes, o controle econômico dos europeus diminuiu, o que por consequência fomentou o anseio por novos territórios que não haviam sido explorados e que poderiam gerar riquezas e as matérias-primas fundamentais para desenvolver as indústrias. Além disso, a Confederação de Berlim possui grande importância nesse processo, uma vez que nela foram delimitados quais países africanos seriam destinados aos países europeus, que estavam em grande expansão devido à Segunda Revolução Industrial, que buscava expansão territorial, tecnológica e obtenção de novos mercados consumidores.

A estrutura política e social do continente africano foi profundamente abalada pelo sistema colonial. Após a Conferência de Berlim, em que alguns embaixadores de países europeus, dentre eles Espanha, França e Portugal, dividiram o território entre si desconsiderando as diferenças étnicas, linguísticas e religiosas dos povos locais, a população teve sua atual estrutura abalada - em 1880, 80% do território era governado por seus próprios conterrâneos.

Essa divisão do território africano trouxe consequências diversas; ao basear as fronteiras apenas nos interesses europeus, inúmeros conflitos violentos foram gerados devido à mistura de etnias e religiões impostas, além da ocorrência da ascensão de ditadores sanguinários no poder. Para que houvesse um controle maior da parte dos colonizadores, os europeus aliciaram grupos nativos, tal fato desencadeou conflitos tribais e guerras civis que ocorrem até a atualidade.

Antes desse período marcado pelo domínio territorial, a África se autossustentava e controlava os conflitos existentes na nação. A colonização acarretou mudanças na relação econômica existente, ocasionando desequilíbrio para o país. O *plantation* – modelo implantado no território conquistado - visava às exportações e, por

consequência, o povo africano ficava dependente de importações, o que não possibilitou que houvesse uma economia equilibrada.

Além da divisão do território e da imposição de um novo modelo econômico, houve também a imposição de uma nova religião e uma nova língua, o que favorecia a dominação do colonizador e a submissão da população explorada. O poeta David Rubadiri evidencia em sua obra o cotidiano desse período *"Todas as tardes, um esqueleto humano entrou em colapso"*, retratando a realidade atroz que os negros estavam expostos.

3.3. Descolonização

O apogeu da luta para conquistar a independência das nações africanas se deu na década de 60. Antes desse período, apenas três países eram independentes, Libéria - fundada por escravos libertos; Etiópia - tentativa italiana sem êxito; Egito - independente em 1922.

Em 1945, a participação efetiva de alguns delegados no quinto Congresso Pan-Americano, no Reino Unido, acarretou a conquista da independência de diversas nações, além do surgimento de líderes governamentais entre esses delegados. Mahatma Gandhi foi, nesse evento, de grande influência para os nacionalistas, intervindo no processo de independência da Índia a partir de sua política de não-violência.

A maior parte dos colonizadores da África reconheceram a independência das nações africanas após esses acordos políticos, uma vez que necessitava reparar os danos em seus territórios gerados pela segunda Guerra Mundial e expandir o mercado consumidor. Portugal foi a metrópole que mais delongou para reconhecer a independência após a Revolução de Abril de 1974, na qual forças militares ocuparam pontos estratégicos em Lisboa e derrubaram a ditadura do Estado Novo. Ademais, intensos conflitos entre Portugal e suas colônias se faziam ainda presentes.

No período depois da independência, os africanos buscaram reestabelecer sua autonomia política, sua identidade cultural e independência econômica, tendo em vista que durante séculos foram sujeitados a uma cultura que negava as suas individualidades. Essa busca foi dificultada por consequência das marcas deixadas pelos europeus no continente, como, por exemplo, a falta de infraestrutura, a busca pelo embranquecimento da população, a propagação de que a cultura presente nestes locais não deveria ser valorizada, a exploração demasiada dos recursos naturais e da mão de obra.

3.4. Escravidão

O escravismo é um dos motivos que ocasionaram o subdesenvolvimento africano e, consequentemente, a situação hostil vivenciada pela população da África ainda hoje. O tráfico humano era um dos comércios mais rentáveis entre os séculos XVI e XIX, representando metade do lucro das exportações europeias do século XVIII e evidenciando a relação entre o desenvolvimento do capitalismo nos Estados Unidos e o tráfico humano.

Seguindo a ONU, a escravidão é "o status ou condição de uma pessoa sobre a qual qualquer ou todos os poderes ligados ao direito de propriedade são exercidos". existiram quatro tipos de escravidão, sendo que três deles funcionavam apenas no continente africano. São eles: a penhora ocorria entre pessoas que tinham um laço social e era motivada por um dívida; o trabalho forçado ou trabalho “não-livre” era realizado através de uma ameaça à vida da pessoa ou de sua família - usado no Estado Livre do Congo, do rei Leopoldo, e nas plantações portuguesas de Cabo Verde e São Tomé; a servidão que foi utilizada em pequena escala em alguns reinos africanos, como no reino de Zulu no século XIX, ela ditava que a pessoa estava ligada a terra e, assim deveria seguir as ordens do dono da terra.

Embora tenha tido a existência de mais tipos de escravidão na África, nenhum gerou mais danos ao povo do que a escravidão Chattel, que foi o tipo executado nas Américas. Os escravos de Chattel são considerados como propriedade e podem ser

vendidos, ou seja, eles não possuem direitos e são obrigados a realizar todos os tipos de trabalho, inclusive sexuais, por isso era um costume na época as escravas serem estupradas pelos patrões, sendo dessa forma que ocorreu a miscigenação entre africanos e europeus. De acordo com o site ThoughtCo, há relatos de que ainda ocorre a escravidão de Chattel no norte da África Islâmica, em países como Sudão e Mauritânia.

Entre os anos de 1510 e 1860, o tráfico negreiro vitimou mais de vinte milhões de seres humanos, o trajeto do continente africano até o local de destino era realizado de uma maneira tão insalubre que o nome dado à parte do navio em que os escravos ficavam foi tumbeiro, devido ao alto índice de mortalidade. Estima-se que 20% dos escravos africanos morriam durante a travessia do Oceano Atlântico, uma tática usufruída pelos negreiros - comerciantes de escravos - era comprar mais pessoas do que sua embarcação comportava com o intuito de diminuir o prejuízo econômico.

,O uso de africanos como mão de obra escrava desestabilizou o modo de vida da população, tendo em vista que algumas tribos substituíram o artesanato, agricultura e outras formas de trabalho pela venda de pessoas, pois o novo negócio era mais rentável. Por consequência, um período de guerra se instalou no continente diante da falência da agricultura, artesanato e comércio.

4.Conflitos étnicos-religiosos

Devido à grande diversidade étnica e religiosa no continente, ocorreram diversos conflitos ocasionados pela disputa de poder e de controle de diversas áreas. Os conflitos são marcados pela sobreposição de um grupo diante de outro. Como o resultado, os maiores prejudicados são os habitantes do continente, além de provocar centenas de movimentos migratórios e instabilidade nos atuais governos africanos que lutam para manter o controle sobre o país, entretanto, a corrupção

crônica instaurado nas estruturas governamentais dificultam o combate ao terrorismo religiosos e a milícias.

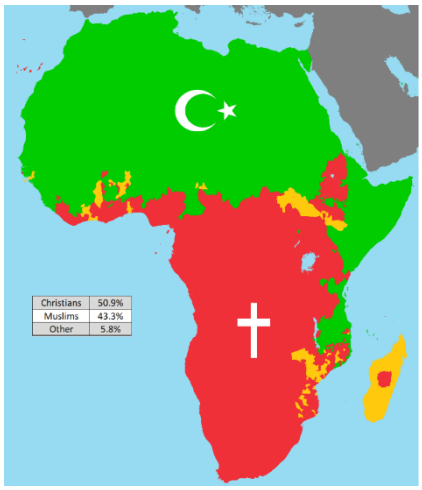
O conflito étnico é definido com base em sua natureza bélica, militar e violenta entre dois ou mais grupos étnicos. Como as etnias dos africanos foram miscigenadas, a força por causa das fronteiras artificiais, estão espalhados pelo território do continente incontáveis conflitos que são influência dos por questões tribais. Pode-se citar como confrontos marcantes o genocídio de Ruanda, no qual milhares de tutsis foram mortos por hutus; os conflitos no Chifre da África, ocasionando em devastação da região; e os Conflitos na Nigéria, onde há confrontos entre grupos religiosos e o governo do país.

Embora o conflito religioso seja motivado demasiadamente pela religião, há outros fatores motivadores e condicionantes para que ele se intensifique. A busca por poder e espaço; a identidade e a representação cultural do grupo influenciam, mas são as condições políticas, sociais, econômicas, culturais e psicológicas que irão propiciar o desenvolvimento de um conflito religioso.

4.1. Religião no continente africano

A religiosidade está muito marcada na vida dos habitantes do continente. Segundo a Pew Forum, o Cristianismo, com 50,9% da população, e o Islamismo, com 43,3% da população, são as principais religiões na África, e religiões nativas e outras somam 5,8% da população. Os Cristãos estão concentrados no sul do continente, são predominantes na África Negra, já os mulçumanos predominam fortemente no norte do continente. Entretanto, há diversos países e regiões em que mulçumanos formam uma minoria relevante, como na República Democrática do Congo e no Sul da Nigéria, locais de conflitos e terrorismo religiosos. No gráfico a seguir, a área verde é de maioria mulçumana, a vermelha é de maioria cristã e a amarela de religiões nativas:

Mapa simplificado das religiões africanas



Fonte: Mapa criado por Reddit User Kurupt4Ever

O cristianismo foi, primeiramente, introduzido no continente pela as áreas de influência do mundo greco-romana. Foram fundadas Igrejas Orientais a Igreja Copta, no Egito, e a Igreja Etíope, na Etiópia, que persistem até os dias atuais e passaram pelo advento do Islão e Império Islâmico, que marcaram o fim da primeira fase da Cristianização Africana. A segunda fase se iniciou com as colônias europeias, os missionários das Igrejas Ocidentais, Católica e Protestantes, partiram para o continente, e contaram com apoio e proteção dos países europeus. Já a terceira fase foi marcada pelas iniciativas missionárias protestantes e católicas. Atualmente, os Católicos são maioria no continente, seguidos por protestantes, entretanto, há minorias no mundo islâmico, como os coptas, e a Igreja etíope continua predominante no seu país. Além disso, existem diversas igrejas nacionais independentes com características próprias e africanas.

O Islã chegou na África por meio da expansão do império árabe, houve tolerância religiosa na região nordeste da África, mas, paulatinamente, cristãos coptas se casaram com mulçumanos para obter isenções de impostos, mas apostasia (renúncia da fé), pelos mulçumanos, podia ser castigada com a morte. A segunda e a terceira fase foram marcadas pelo estabelecimento de comerciantes no ocidente

africano e pelas margens do Nilo e por modalidades islâmicas com ritos africanizados, o que é condenado por islâmicos mais ortodoxos. A quarta e última fase, ocorreu com a influência do mundo ocidental, já que com a emigração de colonos houve uma necessidade de conversão para a religião local, o Islã.

As religiões africanas são caracterizadas pela ligação entre o mundo físico e com o mundo espiritual, e seus valores máximos são a harmonia e a unidade familiar e dentro do clã, elas são essencialmente comunitárias e não individuais. Existem diversas religiões nativas, mas os estudos sobre elas são extremamente dificultados pela falta de materiais concretos, como templos e livros.

4.2. Conflitos tribais

Em termos sociológicos, o tribalismo é visto como uma forma de organização social baseada na tribo ou uma estrutura organizacional que funciona pelo sentimento de pertencer a um lugar, a um grupo como uma base essencial da vida social.

Segundo o site da organização “Cultural Survival”, um conflito tribal, o qual também pode ser descrito como étnico – as pessoas que constituem a tribo possuem a mesma origem, costumes similares, entre outros aspectos -, não é somente motivado pela questão das tribos serem distintas entre si, mas também por interferência do mundo exterior.

Partindo de tal pressuposto, evidencia-se a influência que os exploradores e colonizadores europeus tiveram nas regiões em que as tribos coexistiam, eles dividiram o território por meio de fronteiras artificiais, misturando, por consequência, tribos rivais. Ademais, essas fronteiras não favoreciam o comércio de matérias já presentes nos locais, o que prejudicou o desenvolvimento econômico do lugar – contribuindo para a desigualdade na distribuição de recursos. Por consequência, desacordos e guerras foram gerados devido à busca de poder e de recursos; além de conflitos ocasionados por divergências culturais.

4.3. Guerra Civil Centro-Africana

A República Centro Africana sofre com uma violenta disputa pelo poder, o país possui a maioria cristã, mas também é habitado por uma grande parcela da população mulçumana. Colonizado pela França, a República Centro Africana não conseguiu manter estabilidade financeira após a independência. A instabilidade foi agravada por um golpe, no qual David Dacko, primeiro governante do país, foi desposto por Jean Bokassa. O novo governante instaurou um regime personalista, que prejudicou a economia do país, já que foram gastos um terço do tesouro nacional apenas na sua coroação. Após isso, o país sofreu sucessivamente com novos golpes.

A situação do país provocou a criação de milícias mulçumanas, Séleka, que em 2013 depôs o presidente do país, Fraçois Bozizé, pertencente a maioria cristã, com um novo golpe, sobre pretexto de violência contra mulçumanos. Ao assumir o poder, as milícias mulçumanas cometiam crimes contra os cristãos do país, que foram perseguidos durante o governo Séleka, como respostas surgiram milícias cristãs, Anti-Balaka, que tinham como alvo toda população mulçumana do país. Diversas igrejas e mesquitas foram destruídas no país, centenas de atentados foram registrados, cidades foram divididas entre as milícias, que somam 14 pelas disputas territoriais.

Após Séleka ser derrubada em 2014, o governo da capital Bangui não conseguiu retomar o controle total do país, mais de 70% estão sobre controle de milícias. As tropas de paz enviadas pela ONU, não conseguem realizar suas missões, já que há uma desconfiança da população devido ao episódio em que tropas de Chade abateram cidadãos do país, sem motivo de ataque aparente. Tropas portuguesas e brasileiras participam de missões de paz, a intervenção francesa iniciada em 2013, foi retirada em 2016, no seu auge a missão contou com 2500 militares.

O país continua em conflitos, a guerra é chamada de ‘’Guerra Esquecida’’, há diversos apelos da comunidade internacional, desde que os conflitos reacenderam nos últimos anos, como das ONG´s Human Rights Watch e Anistia Internacional, a fundação Médicos Sem Fronteiras relatou que em diversas áreas do país é a única a atender emergências médicas. Mais de cinco milhões de habitantes se movimentaram no país, o maior deslocamento registrado no país. A ONU mantém uma missão, a Missão de Estabilização Multidimensional Integrado das Nações Unidas na República Centro-Africano (MINUSCA), com mais de 14000 pessoas integradas em auxiliar no processo de estabilização e transição do país.

4.4. Restrição Religiosa na Eritréia, Moçambique e Sudão

Diversos grupos religiosos são atacados constantemente por forças dos governos de Moçambique, Eritréia e Sudão, os ataques são impulsionados por conflitos locais ou restrições impostas a população como no Sudão. A liberdade religiosa não é vista no Sudão e na Eritréia, que possuem lei que condenam cultos da população.

No Sudão, a Lei Sharia é a base constitucional, ou seja, toda organização estatal é regida pelas leis islâmicas, o que causa diversas perseguições contra cristãos nos países. A apostasia é condenada à morte no Sudão, em 2018 as autoridades sudanesas detiveram um grupo cristão que foi obrigado a renunciar sua fé, um padre foi acusado de apostasia. O governo ameaça constantemente demolir igrejas evangélicas no país, e uma foi destruída sem nenhuma notificação anterior.

Em Moçambique, o grupo Al-Sunna wa e o grupo Al-Shabab da Somália foram responsáveis por assassinatos e diversas destruições de casas e templos religiosos, inclusive mesquitas. Os ataques geraram uma movimentação de mais de 1000 pessoas no distrito de Cabo Delgados, pois centenas de casas foram incendiadas e destruídas, os atentados também se estenderam para o distrito de Mocimboa da Praia e Palma. Entretanto, ao combater os grupos, segundo a Human Rights Watch,

a polícia moçambicana prendeu arbitrariamente 300 pessoas e fecharam diversas mesquitas.

A autoridades da Eritréia permitem somente algumas denominações religiosas, as igrejas sunitas, ortodoxas da Eritreia, católicas romanas e evangélicas (luteranas). A polícia invade qualquer casa e construções que apresentam outros cultos religiosos, os praticantes são presos, a liberação é a custo da renúncia da própria fé. Há registros de testemunhas de Jeová que são forçados a ficarem em campos militares.

4.5. Perseguição contra as minorias

4.5.1. Islâmicos na Argélia e Líbia

Na Argélia, as autoridades processam e punem membros da minoria mulçumana Ahmadiyya pelo exercício de sua fé. Mais de 315 Ahmadis foram julgados entre junho de 2016 e março de 2018. As sentenças variaram de multas a um ano de prisão.

A comunidade Ahmadi é constantemente perseguida no país, cerca de 2.000 partidários, processando membros do grupo por ofender o dogma ou preceitos do Islã, no país “ofender” o dogma islâmico é punível em lei.

Na Líbia, foram registrados atentados do Estado Islâmico contra cristãos e sufis (minoria do Islã), esses ataques não foram punidos pelo governo. Em 2017, a seita minoritária Ibadi foi condenada pela autoridade islâmica (Autoridade que considera os Ibadi uma heresia) do país, foi chamada de “um grupo equivocado e aberrante” e “infiéis sem dignidade”. A fé de Ibadi é praticada por muitos amazighs, o número de seguidores estão entre 300.000 e 400.000 da população total da Líbia de 6,5 milhões.

4.5.2. Comunidade LGBT

Diferente do propagado pelo senso comum (altos níveis de homofobia e dificuldade na sobrevivência da população LGBT), a África originalmente não possuía quaisquer discriminações acerca de assuntos relacionados à pauta LGBT. As influências imperialistas pós-coloniais acabaram por determinar como relações de gênero e sexualidade devem funcionar no continente – a presença da sharia e do uso da Bíblia em tentativa de angariar novos fiéis durante o milênio passado contribuíram para o crescimento da homofobia no território, uma vez que os dois livros possuem trechos que incitam algum tipo de ódio a respeito dos membros pertencentes à comunidade gay. Atualmente, a grande maioria das nações africanas possuem algum tipo de criminalização contra homossexualidade, incluindo dois países em que a pena de morte é aplicada, sendo esses a Mauritânia e o Sudão. Além da morte, em alguns locais é passível à prisão de 14 anos até perpétua, variando de nação para nação, e o limite da liberdade de expressão é ultrapassado quando artigos considerados como propaganda LGBT são banidos. Em países como Egito e Líbia, as influências aqui citadas anteriormente atuam de modo que a legislação acerca do tema é baseada em leis de moralidade dos livros sagrados - entre essas leis encontra-se a que permite policiais deportarem homossexuais estrangeiros e os impedirem de entrarem no país norte africano.

Todavia, os “asilados sexuais”, assim chamados na África do Sul, estão no país para procurar refúgio das leis anti-gay de países vizinhos, visto que possui uma Constituição que reconhece casamentos LGBT, pune comportamentos homofóbicos e reconhece o direito dos refugiados. Contudo, a condição dos refugiados não é próspera: cerca de 90% deles não encontra emprego fixo no país, além de sofrer ataques xenofóbicos e são diariamente discriminados. Recentemente, a Angola

retirou as leis que consistiam em penas duras àqueles indivíduos que praticassem a homossexualidade.

4.6. Conclusão dos conflitos religiosos

Os conflitos religiosos no continente, muitas vezes, surgem em uma falha de governança nos países africanos, é perceptível o nascimento de grupos extremistas em locais em que não há presença estatal. Além disso, o continente africano é composto por uma série de religiões e etnias, ou seja, a população é heterogênea, em locais com tamanha pluralidade e com um Estado fraco e corrupto é fácil ascender um conflito.

Muitas dessas questões religiosas são criadas por parte do autoritarismo das autoridades, pois há uma perseguição institucionalizada no país, como no Sudão e na Argélia, já as minorias religiosas são discriminadas e atacadas. Também há abusos contra mulçumanos, como em Moçambique, pois as forças policiais prenderam arbitrariamente centenas de islamitas.

Sendo assim, observa-se que a perseguição e os conflitos surgem de diversos lados, e que todos os grupos são envolvidos e prejudicados, como na República Centro Africana, em que a violência praticada por um pequeno grupo de mulçumanos contra cristãos foi respondida pelos cristãos com ataques a toda população islâmica. É necessário encontrar soluções e mediações para grupos que se sentem marginalizados e acabam agindo agressivamente, provocando instabilidade no país e/ou região.

4.7. Consequências da imposição de uma cultura

Diante da condição histórica, a qual os africanos foram tratados como subalternos dos europeus por uma questão racial, os negros sofrem com variados tipos de

discriminação. A história fez com que as futuras gerações aprendessem, de forma direta ou indireta, que o homem branco e ocidental é superior às demais raças, principalmente aos negros.

O homem branco via a África como uma única nação, com cultura individual e sem distinções. Essa visão conservadora concebeu no pensamento coletivo europeu – e mundial – que não existiam diversas tribos e etnias africanas, gerando uma herança presente até os dias atuais.

Em 1883, foi criado o termo “eugenia” por Francis Galton, o qual significa “bem-nascido”, isso é, um antropólogo inglês estudou sobre um assunto que determinava que seres humanos que não detinham de características iguais a dele eram inferiores. Atualmente, ainda há discriminações contra alguém devido à raça ou etnia, as quais ocasionam incontáveis atos de violência.

Pode-se citar dois principais tipos de intolerância, são eles o racismo e o colorismo. O racismo é baseado em distintas origens étnicas, enquanto o colorismo se baseia nas diferentes tonalidades de pele – esses dois são responsáveis pela exclusão e, algumas vezes, pela morte.

Há crenças de que possuir mais melanina ocasionará mais dificuldades financeiras e sociais, colaborando para a realização de experimentos e atrocidades para embranquecer. Na Nigéria, uma mãe utilizou a mistura de manteiga de karite com um creme de esteroides em um bebê de dois meses para descolorir a sua pele. A doutora que atendeu a criança disse em uma entrevista que “Nossa sociedade está condicionada pelo fato de que ter a pele clara é uma forma de encontrar um bom trabalho, de ter uma relação amorosa [...]” e ressaltou que é uma prática tão absurda que antes do acontecimento, achava que era uma lenda urbana.

O entendimento da cor negra como errado por parte da população de menor renda africana envolve a problemática da representatividade no mundo imperialista. Mesmo séculos após o fim do tráfico de escravo pelo mundo ocidental, as raízes desse fato ainda se encontram em práticas como a citada, em que o colorismo leva

a ideia de que pessoas com pele mais escura são menos capacitadas que as com pele mais clara.

Filmes como Pantera Negra, lançado em 2018 pela Walt Disney Studio, colaboram com o respeito e aceitação da diversidade e da pluralidade. Esse filme conta a história de uma nação ficcional denominada Wakanda que, mesmo com as diferenças culturais, se unem em prol do bem comum. O longa-metragem retrata uma África desenvolvida e com tecnologias jamais vistas em qualquer outro lugar do mundo. A realização de projetos como Pantera Negra facilita e ajuda o entendimento ao redor do mundo de como a cultura africana é abrangente, abrindo portas para ideias que retirem o pano de fundo obscuro e sangrento que paira sobre a África, podendo, assim, expandir cada vez mais a indústria cultural para novos horizontes.

Porém, existe uma complexa questão ao debater sobre os costumes africanos: o relativismo cultural. Além das belas danças, culinária excepcional e música e religiões amplas, existem certos comportamentos misóginos no continente - mulheres são submetidas a rituais milenares com condições precárias de higiene, como a clitoridectomia. O processo consiste na retirada de partes da vagina, como o clitóris e os lábios, de meninas de um mês até 14 anos, e é realizado com facas, tesouras e navalhas, ocorrendo muitas dores e sangramento, podendo causar até a morte durante o procedimento. Segundo a OMS, estima-se que 80 a 114 milhões de mulheres já passaram pela clitoridectomia. Quando questionadas sobre essas atividades, as meninas apenas respondem que seguem os maridos. Se questionarem ou negarem o ato, serão exiladas de suas comunidades e nunca se casarão, “envergonhando” a família. Devido a esses fatos, é considerada a interferência de órgãos governamentais nesse hábito, uma vez que arrisca a vida de muitas jovens diariamente. Entretanto, é necessário analisar cada caso em específico de acordo com a cultura local para não levar ao etnocentrismo, em que é

levada em consideração à própria cultura do indivíduo para analisar culturas exteriores.

5. Disputas pelo poder na África

5.1. Histórico e reflexos das guerras civis africanas

Os conflitos no continente têm um longo histórico, as guerras civis são muito presentes nos registros da maioria dos países. As disputas têm diversos motivos, entre eles étnicos, religiosos e por recursos, entretanto, a maioria dos conflitos abrangem todas essas esferas. A sociedade africana sofre com os reflexos das guerras passadas, como na República Democrática do Congo (RDC) que possui centenas de grupos disputando ricas áreas em recursos avaliados em mais de 24 trilhões de dólares. Além de conflitos étnicos que provocam sangrentos genocídios, a disputa entre Hutus e Tutsis em Ruanda provocou três guerras civis e centenas de milhares de mortes em três países, Ruanda, Burundi e RDC.

Novos conflitos ascendem todos os anos no continente, a derrubada do presidente da Líbia gerou uma guerra pelo poder, dando espaço para o terrorismo do EI se perpetuar pelo país, que chegou a ter uma cidade dominada pelo grupo. Os interesses de Sudão e Chade em Darfur provocaram um genocídio na região, a maioria das ONG's atuantes no conflito trabalham com estáticas de mais de 200 mil mortos, o Sudão também tem histórico de grandes guerras civis e envolvendo o Sudão do Sul.

5.2. Abuso de autoridade

O abuso de autoridade é realizado através de um servidor público usufruir de seu cargo para obter vantagens e benefícios próprios, o que o torna um crime. Um estudo foi produzido pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), o qual indicou que o abuso de poder do Estado está sendo um influenciador para que os jovens entrem em milícias, a juventude africana possui baixa confiança com relação aos serviços públicos que deveriam prestar assistência à população ou que o governo respeite os direitos humanos. Ao entrevistar recrutas dos grupos terroristas foi constatado que 71% dos entrevistados decidiram participar de um grupo extremista devido uma ação do governo, como o assassinato ou prisão de um parente ou amigo. Ademais, 83% relatou que acredita que o Estado age em prol do benefício de alguns e não confiam em políticos ou no aparato de segurança do Estado. Os grupos terroristas, segundo o PNUD, cerca de 33.300 pessoas na África perderam a vida devido a ataques extremistas violentos entre 2011 e o início de 2016.

Muitos jovens são negligenciados pelo governo, como pode ser observado em Angola. Uma pesquisa desenvolvida pelo Instituto Nacional de Estatísticas do país apontou que cerca de 70% das crianças sofrem mais de três privatizações, já nas zonas rurais, a taxa de privatização é superior aos 80%. Tal fato corrobora com a rejeição, pois o governo não consegue suprir as carências vivenciadas pela população.

Os meios de comunicação tendem a divulgar ao povo o que ocorre no meio político. O jornal “The Post”, veículo de comunicação independente da Zâmbia, denunciou que o governo liderado pela Frente Patriótica ameaça os jornalistas que expõem as ações ilegais realizadas pelo Estado. Em setembro de 2015, o editor-chefe do The Post foi ameaçado publicamente pelo presidente que se pronunciou em Solwezi, na

região noroeste da Zâmbia, suas palavras foram “Quero dizer a Fred M'membe que eu joguei a tampa fora. As linhas de combate foram traçadas, mas a verdade é que Fred não pode lutar contra mim porque eu sou Chefe de Estado [...]”.

No Sudão está ocorrendo diversos protestos que tiveram início por causa do aumento do custo do combustível e do pão, mas após intensas repressões do governo, os manifestantes exigiram que houvesse a mudança de governo. Até o dia seis de janeiro desse ano, oitocentos e dezesseis pessoas estão desaparecidas e, segundo agências de notícias, vinte e dois indivíduos foram mortos em três semanas. O Chefe de Direitos Humanos disse que seu escritório está pronto para enviar equipes ao país africano e a alta comissária para os Direitos Humanos, Michelle Bachelet, pediu às autoridades sudanesas que proteja o exercício de todos os direitos a liberdade de expressão diante dos preocupantes relatos do uso de força excessiva.

Para que haja a resolução das problemáticas acerca do abuso de autoridade, é fulcral que a sociedade civil interfira nas questões políticas das nações, uma vez que grande parte dos governos autoritários foram absolvidos após a mobilidade social, como pode ser observado na Primavera Árabe.

5.3. Crises sudanesas

O Sudão e o Sudão do Sul protagonizaram os conflitos mais mortais do continente, os principais conflitos são as duas guerras civis, quando o país ainda era unificado, o conflito de Darfur, a guerra civil sul sudanesa e a disputa por Abyei.

A primeira guerra civil sudanesa ocorreu entre 1956 e 1972 e foi marcada por um movimento separatista entre o sul e o norte, vitimando mais de 500 mil pessoas. A segunda guerra civil sudanesa teve seu estopim quando o governo de cartum (capital do Sudão) tentou impor a Sharia, lei islâmica, para todo país, inclusive a região do sul, que tem maior parte cristã e animista; como resposta, foi criado um

Exército Popular de Libertação do Sudão (EPLS), o conflito foi de 1983 a 2005, o seu auge foi em 1998, quando o Sudão sofreu sanções internacionais sobre acusação de dar refúgio a terroristas. A guerra matou mais de dois milhões de pessoas e deixou mais de quatro milhões de refugiados, tendo seu fim após o acordo de paz em 2005, em que os dois lados concordaram em distribuir as riquezas petrolíferas, uns dos motivos da guerra. Em 2011, o Sudão do Sul conseguiu sua independência em um referendo com mais de 99% de aprovação.

O conflito no Sul começou em 2013, quando o presidente do país e o vice-presidente entraram em uma luta política que levou a um confronto armado no país. Kiir, presidente, demitiu Machar, as tropas da guarda presidencial foram divididas entre dois grupos étnicos, a etnia Dinka, que apoiava o presidente, e a etnia Nuer, que apoiava Machar; as tropas se confrontaram e levou o conflito além da capital, Juba. Os grupos armados atacaram civis de acordo com a sua identidade étnica, cometendo abusos, assassinatos e recrutamento infantil para guerra. Muitos acordos de paz foram tentados entre Kirr e Machar, e foram rompidos várias vezes, atualmente, Machar, que havia saído do país para fugir da quebra de uns dos acordos, retornou ao país em um novo acordo de paz, entretanto, os grupos armados persistem na violência contra a população. A ONU mantém uma missão no Sudão do Sul UNMISS, missão aprovada depois do Conselho de Segurança declarar emergência alimentar no país e a considerar a pior no mundo.

Darfur é uma região que sofre com uma disputa entre fazendeiros nômades árabes e tribos sedentárias negras em Darfur, que disputam terras, água e recursos. Para defender os interesses das tribos africanas, surgiu o Movimento de Libertação do Sudão (MLS) e Movimento por Justiça e Igualdade (MJI), que atacaram o governo de Cartum e acusaram de favorecer os fazendeiros árabes. Os movimentos pegaram em armas e iniciaram uma guerrilha, parecida com o movimento de separatista do Sudão do Sul, o governo sudanês respondeu enviando suas tropas para a região, reforçadas por milícias árabes, janjaweed.

Segundo relatos, as milícias árabes provocaram um genocídio em Darfur, a comunidade internacional acusou o Sudão de fazer uma limpeza étnica, 200 mil pessoas morreram e dois milhões de pessoas fugiram da região para o Chade, que passou a se envolver no conflito, fornecendo armamentos e recursos a rebeldes na região, o conflito está inalterável, pois a China, membro do Conselho de Segurança da ONU, veta qualquer resolução que interfira na região. Já que é a maior compradora do petróleo sudanês. A ONU e a UA mantêm uma missão de paz na região UNAMID, com quase 20 mil agentes. O conflito pode evoluir para uma guerra regional envolvendo o Sudão e Chade. Já em Abyei, uma disputa entre o norte e sul foi dada como a possibilidade de um novo genocídio, como em Darfur, mas o governo do Sudão e o EPLS chegaram em um acordo e desmilitarizaram a região que foi entregue a uma missão da ONU, UNISFA.

5.4. O complexo conflito na República Democrática do Congo

A história congolesa é repleta de conflitos envolvendo o rico solo em recursos minerais. O país possui uma riqueza mineral inexplorada avaliada em US$ 24 trilhões, há diversas nações e empresas interessadas nessas riquezas.

A RDC foi um país colonizado pela Bélgica e posteriormente pela Alemanha, conseguiu sua independência em 1960 e logo sofreu uma intensa disputa pelo poder, como resultado do primeiro conflito, Mobutu Sese Seko assumiu o poder de 1960 a 1997, quando o presidente na primeira guerra do Congo foi deposto. A Primeira Guerra do Congo foi reflexo do Genocídio de Ruanda, em que um confronto étnico entre tutsis e hutus vitimou mais de 1 milhão de pessoas, e iniciou quando comunidades de origem Tutsi no leste do então Zaire (RDC) sentiram-se ameaçadas pela imigração de hutus para região, o governo ruandês, pró-tutsi, apoio a organização de milícias tutsis que lançaram-se em uma ofensiva anti-Mobutu, baniamulenges (tutsis do leste da RDC) estavam insatisfeitos com o governo do país. A ofensiva contou com o apoio do governo de Uganda, o líder rebelde Kabila

assumiu o poder do país após a coalizão anti-Mobutu vencer a primeira fase da Guerra Civil do Congo.

A Segunda Guerra do Congo ou segunda fase da Guerra Civil do Congo, foi marcada pela insatisfação dos governos de Uganda e Ruanda com o governante Kabila, que não havia cumprida as exigências desses países, que contaram com a nova revolta dos baniamulenges, e assim iniciou o mais sangrento conflito pós-Segunda Guerra Mundial. As forças do governo da RDC foram apoiadas oficialmente por Angola, Zimbábue e Namíbia e supostamente pelo Sudão, que apoiaria grupos anti-Ruanda durante a guerra. Durante o conflito foram mortos quase 6 milhões de pessoas, e provocou uma das maiores crises humanitárias do Mundo, a guerra foi chamada de Grande Guerra Africana e de Primeira Guerra Mundial Africana.

Foram envolvidos, oficialmente, seis países, que lutaram no solo congolês, a guerra teve seu declínio no assassinato de Laurent Kabila, e seu filho Joseph Kabila assumiu o poder e conduziu os acordos de paz para acabar com o conflito. Anteriormente aos acordos, os exércitos de Uganda e Ruanda passaram a se enfrentar após o rompimento dos dois países, entretanto, os acordos mediados pela ONU e pela África do Sul colocou fim na interferência internacional na RDC, os exércitos de Angola, Zimbábue, Namíbia, Ruanda e Uganda foram retirados do país. A guerra foi resolvida após o acordo para um governo de transição chefiado por Kabila com participação dos líderes rebeldes, em 2006, foi realizada a primeira eleição da história do país, Kabila foi o vencedor.

Atualmente, o país vive um conturbado cenário político, Kabila modificou a constituição para que pudesse ser eleito para um terceiro mandato, e as eleições de 2015, que encerraria o governo de Kabila foram adiadas para 2016. Os protestos contra está decisão foram generalizados na oposição, foram registrada centenas de mortes em protestos e a violência estatal aumentou contra partidos de oposição. A situação ainda não foi resolvida, após umas eleições suspeitas em 2018, o governo

adiou para 2019 a eleição para três áreas pró-oposição, ao todo, na RDC há mais 5,4 milhões de deslocados e mais de 450 mil refugiados em outros países, já que ainda há resquícios da guerra e há diversos grupos rebeldes no país, a situação é a mais grave no mundo atualmente. O país ainda com a maior missão da ONU já feita, a MONUSCO.

5.5. O conflito em Burundi

Após 12 anos do fim de uma guerra civil, que matou 300 mil pessoas, o Burundi voltou a viver com uma violência política. A guerra teve origem no genocídio de Ruanda, o governo tutsi do país instigou a violência contra o Hutus de Burundi, já que a situação de Ruanda era o contrário. A guerra foi encerrada em 2005, quando o tratado de paz de 2000 com os rebeldes foi finalmente efetivado. Nkuruzinga foi eleito em uma assembleia, de voto indireto para presidir o país.

Entretanto, novamente no continente, o presidente do país se candidatou a um terceiro mandato ilegal e venceu, o presidente e o seu partido o Conselho Nacional para a Defesa da Democracia - Forças pela Defesa da Democracia (CNDD-FDD) praticaram diversos crimes contra os partidos de oposição no país. Segundo a Human Rights Watch foram registrados crimes contra a humanidade, praticados pelas forças do governo. Assassinatos e crimes sexuais, motivados pela situação e pela tensão étnica ainda existente no país sufocaram a oposição.

A UA aprovou uma missão de paz para o país, mas o presidente ameaçou lutar contra essas forças, então a missão foi cancelada, assim como a da ONU que também havia sido aprovada. Os protestos contra o governo se intensificaram e a reação estatal foi violenta, grupos rebeldes praticaram atentados no país durante o agravamento do cenário no país, quase mil pessoas morreram e deslocados somam 600 mil pessoas.

5.6.A guerra civil na Líbia

A atual guerra civil na Líbia é resultado da queda do Muammar al-Gaddafi em outubro de 2011, em que o grupo General National Congress (GNC) ficou responsável por um governo de transição no país, foi apoiado pela ONU, entretanto um segundo grupo de tendência secular, LNA, Exército Nacional da Líbia, com o congresso HoR, proclamou um outro governo localizado em Trobuk contrariando o governo de Trípoli, da GNC.

Os dois grupos iniciaram uma disputa interna pelo poder na região, e com a fragilidade do país o EI, com grupos fiéis no país, iniciou uma ofensiva no país e chegou a dominar uma importante cidade portuária, Sirte, mas foram expulsos pelas forças do país e da ONU. Em 2014 o governo que controla Trobuk lançou a operação Dignidade, para depor o governo de Tripoli, o governo da cidade respondeu com a coalizão Líbia Down, e até hoje se disputa o governo na região.

Além dos dois grupos, o grupo terrorista Ansar Al-Sharia, jihadistas, ganhou territórios no país, apoiados pelo EI, e que supostamente causaram um atentado contra o consulado americano no país. Foram deslocadas quase 500 mil pessoas no país, além da forte imigração para Europa.

6. Financiamento dos grupos terroristas

Os grupos terroristas que atuam na África têm sua renda fundamentada em diversas atividades. Dentre elas, o dinheiro do tráfico de drogas é uma das fontes de renda mais conhecida, o Boko Haram mantém relações com traficantes da Nigéria através de uma cooperação mútua entre as partes, o grupo auxilia com serviços de prostitutas e em troca adquire influência nos portos de San Pedro e Abidjan, na Costa do Marfim.

Além do tráfico de drogas, uma das rendas dos grupos extremistas é o dinheiro do resgate de reféns, o Boko Haram já arrecadou 10 milhões de dólares por meio dos resgates, ademais, há doações de simpatizantes à causa ou de outros grupos extremistas.

6.1. Insurgência Islâmica na Nigéria

A Nigéria é o país mais populoso da África, são cerca de 90 milhões de habitantes. A população se divide entre as duas maiores religiões no continente, são aproximadamente 50,5% de muçulmanos, a maioria vive no norte de país, onde a pobreza atinge níveis de 70%. Já os cristãos representam 48,2% dos habitantes, a maioria vive no Sul, que possui uma taxa de pobreza de 27%. O Boko Haram, uns dos grupos terroristas mais violentos do mundo, surgiu no norte do país, a situação de pobreza proporcionou o surgimento do grupo, os membros do grupo fundamentalistas islâmicos pregam a proibição da educação ocidental e a instalação de um estado baseado em leis muçulmanas.

Devido à miséria no norte do país, o Boko Haram, por meio de uma escola de educação islâmica, recrutou diversos jihadistas. Os alvos iniciais dos grupos eram organizações e lideranças do governo e expandir territórios sobre o seu controle, após a morte de seu primeiro líder Mohammed Yusuf em 2009, o Boko Haram se tornou extremamente radical e passou a realizar atentados contra civis nigerianos, principalmente cristãos, muçulmanos acusados de compactuar com o governo e mulheres.

O Grupo ficou conhecido mundialmente, em 2014, após o sequestro de mais de 270 meninas para serem escravas sexuais e utilizadas em atentados, e em 2017 a Unicef informou que mais de 83 crianças foram usadas como bomba pelo grupo. Segundo o “Council on Foreign Relations” o conflito vitimou mais de 37,5 mil

pessoas e movimentou mais de 2,4 milhões de nigerianos, além de 240 mil refugiados.

Atualmente, a resolução do conflito está longe de ser alcançada, apesar dos avanços do exército da Nigéria e seus aliados. A insistência da corrupção no governo, as falhas de estratégias e até mesmo vendas de armas para o Boko Haram no exército complicam a combate a este grupo terrorista. A Nigéria conta com o apoio dos EUA e outros países desenvolvidos e africanos, como Chade e Camarões, que sofrem ataques do grupo em questão, pois o Boko Haram conta com apoio do Estado Islâmico e Al-qaeda. No mapa abaixo, a área o estado de Borno é local das principais atuações do grupo, a coalizão formada para combater o grupo limitou as áreas de controles do Boko Haram, que atualmente se resume ao Lago de Chade.

Área de atuação do Boko Haram

Fonte: Deutsch Welle

6.2. Terrorismo no Egito, Mali e Somália

O terrorismo é uma grande ameaça às nações africanas, diversos grupos são responsáveis pela instabilidade de vários países. Há uma grande cooperação entre o G5 de Sahel (Mali, Bukina Faso, Chade, Mauritânia e Níger), EUA e França para combater milícias islâmicas no norte do Mali. No Egito, diversos grupos filiados ao Estado Islâmico (EI) e a Al-Qaeda são responsáveis por ataques contra cristãos e muçulmanos no país; em 2015, mais de 200 pessoas morreram na queda de um avião russo, um grupo terrorista na península do Sinai, que havia declarado fidelidade ao EI, assumiu a autoria dos atentados. O grupo Al-Shabab aproveita a fragilidade dos governos da Somália e do Quênia, provocada pela corrupção para atacar as missões realizadas pela União Africana e controlar áreas rurais da Somália.

No Egito, dois grupos são responsáveis pelos ataques terroristas no país, Wilayat Sinai e Ansar al-Islam, os grupos são fiéis ao Estado Islâmico e a Al-Qaeda, respectivamente. O primeiro atua principalmente na península do Sinai, provocam dezenas de ataques a igrejas coptas no país, além do abate de um avião russo, os reflexos foram extremamente prejudiciais ao turismo, que é um dos principais setores da economia egípcia. Uma cooperação foi formada com Israel, devido a ataques aos militares israelenses, perto da fronteira de Gaza.

A violência no Mali aumentou drasticamente, grupos ligados ao Al-Qaeda no Magreb intensificaram os seus ataques contra forças da ONU, as mortes somam mais de 103 pessoas, quaisquer acusados de colaborar com as forças de paz podem ser mortas pelos grupos. Ataques foram registrados durante as eleições malianas, a situação se agrava no Norte onde os grupos impõem a lei islâmica (Sharia). A Missão Multidimensional de Estabilização Integrada em Mali (MINUSMA) é considerada a mais perigosa da Nações Unidas devido à alta repressão registrada.

A situação na Somália persiste a muitos anos, o grupo Al-Shabab, filiado a Al-Qaeda, mas tem apoio disputado pelo EI, promove centenas de ataques no país,

em seu auge o grupo chegou a controlar partes da capital de Mogadíscio e o porto vital de Kismayo. A União Africana promove uma missão de paz na Somália, A Missão da União Africana na Somália (AMISOM), essa missão contou com participação do Quênia e apoio dos EUA, o combate reprimiu fortemente o grupo, que havia aproveitado a frágil organização de governo Somali para controlar as áreas rurais do país e realizar ataques contra a população. Entretanto, esse apoio teve reflexo no Quênia, em 2013 um ataque contra um shopping, em Nairóbi, capital queniana, matou mais de 67 pessoas, em 2015 um atentado contra um campus universitário matou 148 pessoas e em 2016 um ataque contra uma base queniana matou mais de 200 soldados, ao todo foram mais de 150 atentados contra o Quênia.

De modo geral, observa-se que a organizações terroristas concentram seus ataques em missões de paz e a infraestrutura governamental, já que se aproveitam da fragilidade dos governos. Além disso, a maioria das tentativas de combater o terrorismo provém dos próprios países africanas, sendo que são os maiores financiadores da MINUSMA e da AMISOM.

7. Violência dos Estados e grupos terroristas contra a população africana

Diante do contexto histórico da formação dos Estados africanos, evidencia-se a desconstrução da estrutura política dos povos africanos, uma vez que os colonizadores impuseram uma nova forma de organização, a qual intensificou as problemáticas entre os povos do continente africano.

Os Estados africanos tiveram seus territórios constituídos com base na colonização europeia que seguia apenas os preceitos dos colonizadores e desconsiderava questões étnicas de cada região. Tal fato contribuiu para que ocorressem guerras no

processo de formação de um país do continente africano, as quais favorecem a ocorrência de uma violência por parte do Estado contra a população africana.

Embora possa ocorrer um pensamento de que após a independência de um país, os abusos estatais contra o povo se encerrem, aconteceram em 1977 execuções e prisões sumárias depois da tentativa de golpe de Estado na Angola, a qual foi desencadeada pela expulsão do ministro Nito Alves do MPLA (Movimento Popular de Libertação da Angola).

Atualmente, estão presentes na África três grupos terroristas que se destacam, são eles Boko Haram, Al-Shabab e AQUIM. O nome Boko Haram significa “a educação não islâmica é pecado”, o grupo atua na Nigéria e nas regiões vizinhas desde 2002. O Al- Shabab atua principalmente na Somália, enquanto o grupo AQUIM desenvolve atividades na Argélia e várias partes de Sahel.

Os grupos terroristas citados praticam a jihad islâmica, isto é, estimam implantar a sharia em todos os territórios conquistados e possuem ligações com importantes grupos islâmicos, como o AQUIM que mantém uma relação com a Al-Qaeda.

8.Posicionamentos dos participantes

8.1. Países-membros

Mapa do Continente Africano

Fonte: Dreamstime

8.1.1. África Setentrional

Mapa da África Setentrional

Fonte: Dreamstime

Argélia

A República Democrática e Popular da Argélia é um país localizado no Norte da África, na região predominantemente islâmica, sua população é de aproximadamente 41 milhões de habitantes, sua capital é Argel. O sistema de governo argelino é presidencialista, e o seu presidente é Abdelaziz Bouteflika, que com o apoio das forças armadas, venceu as eleições em 1999, que foi boicotada por vários candidatos que protestavam contra supostas fraudes, e venceu eleições seguintes em 2004, 2009 e 2014.

O país obteve independência da França em 1962, após uma sangrenta guerra pela independência, a guerra durou 8 anos e vitimou entre 400 mil e um milhão de pessoas, o interesse francês na região era enorme, já que após a Segunda Guerra Mundial foram descobertas grandes reservas de petróleo e hidrocarbonetos no Saara argelino, era a primeira vez que haveria petróleo em território francês, além disso, havia a presença de mais de um milhão de franceses na colônia, a guerra terminou com a independência da Argélia.

O país viveu um regime unipartidário durante 30, esse governo havia adotado uma base política socialista e, após a o processo de queda da União Soviética, abriu o país para investimento estrangeiro. Entretanto, a qualidade de vida argelina havia decaído, devido às crises do petróleo e a derrocada socialista no Mundo, e, assim, abriu espaço para uma grande insurgência islâmica no país, a Frente Islâmica de Salvação (FIS) ganhou força e venceu o primeiro turno das eleições legislativas em 1991, o que provocou um temor nos políticos seculares do país. Após o primeiro turno, o exército provocou um golpe de estado, temendo que a FIS implantasse um governo fundamentalista islâmico, o golpe não recebeu represálias do Ocidente e iniciou uma guerra civil na Argélia, que colocou a FIS em confronto com o exército argelino, e acabou no fim do século XX, a guerra deixou mais de 100 mil mortos. A guerra terminou com a eleição de Bouteflika que prometeu acabar com a guerra civil, e após diversos acordos e negociações os braços armados dos insurgentes islâmicos aceitou a anistia, que foi aprovada em um plebiscito com quase 100% dos votos favoráveis.

Atualmente, o governo, em 2011, introduziu algumas reformas políticas em resposta à Primavera Árabe. As autoridades do país, por meio de leis, restringem a liberdade de seus habitantes, visto que, uma minoria muçulmana é condenada no país, além das proibições de reuniões sem autorização do Estado. O país ainda sofre uma insurgência islâmica, os grupos atuantes são Al-Qaeda no Magreb e o Estado Islâmico que almejam derrubar o governo e instalar um califado na região do Norte da África. A situação financeira no país tem se deteriorado, pois os preços de petróleo caíram, e suas receitas financiavam as políticas sociais do governo. Ademais, a persistência do atual presidente em permanecer no poder causa diversos conflitos políticos no país.

Egito

A República Árabe do Egito é um país localizado no Norte da África, é o maior país do Mundo Árabe (países falantes da língua árabe), com uma população de quase

100 milhões de habitantes, sua capital é Cairo, e o seu sistema de governo é presidencialista e seu chefe de Estado é Abdel Fattah Elsisi (presidente) e o de governo é Mostafa Madbouly (primeiro ministro).

O país, junto com a Liga Árabe, protagonizou grandes conflitos com Israel. Esses países consideravam o Estado judeu ilegítimo e entraram em conflito por quatro vezes. Após os conflitos cessarem, com o Acordo de Campi David, essa nação alcançou uma relativa paz, entretanto, observa-se conflitos com grupos terroristas, que ameaçam um forte setor econômico egípcio, o turismo. Além disso, a crescente população coloca em xeque a segurança alimentar e o abastecimento hídrico do país, visto que as águas do Nilo têm origem nos vizinhos -Quênia, Tanzânia, Etiópia, Sudão do Sul, Sudão e Uganda- e isso pode provocar uma instabilidade na região, já que nenhum dos países aprovariam qualquer alteração no curso do Rio Nilo ou uma na bacia hidrográfica provocada pelo Egito. Essa situação se agrava com a disponibilidade de terras agricultu̇ráveis no país, que é limitada às margens do Nilo, e com o aumento da demanda a produção seria prejudicada e insuficiente. Essas problemáticas, segundo o ex-presidente Anuar Sadat, seriam as únicas capazes de colocar o Egito em guerra novamente.

Em 2011, a Primavera Árabe atingiu o Egito, a população motivada pela Revolução Tunisiana de 2010, foi às ruas e diversos grupos de oposição egípcios provocaram manifestações e greves de trabalhadores em todo o país, culminando na demissão do presidente Hosni Mubarak. As forças armadas do Egito assumiram o poder, até que um novo parlamento estivesse em funcionamento, Muhammad Mursi venceu a eleição presidencial. Depois de muitos protestos violentos durante a primavera de 2013, o governo de Mursi foi derrubado no mesmo ano pelas Forças Armadas que o substituíram pelo presidente interino Adly Mansour. Em janeiro de 2014, um referendo sobre uma nova constituição foi aprovado, e, em maio de 2014, elegeram o ex-ministro da Defesa Abdel Fattah Elsisi. O Egito elegeu uma nova legislatura em dezembro de 2015, seu primeiro parlamento desde 2012.

O país ainda sofre com uma perturbação política, vivida desde a primavera árabe, as eleições de 2014 é muito contestada, pois que opositores foram presos e alguns sabotaram-nas. O país sofre com uma insurgência islâmica na península do Sinai, já que diversos ataques em todo Egito foram registrados, além da presença de grupos filiados ao Al-Qaeda e ao Estado Islâmico, a situação serve de pretexto para as autoridades cometerem prisões e condenações arbitrárias contra a população.

Líbia

O Estado da Líbia é um país localizado no Norte da África, sua capital é Tripoli, sua população é de aproximadamente 6,5 milhões de habitantes. O país se encontra em guerra civil de três lados, após a queda do líder de longo prazo Muammar Gaddafi em 2011 o país viveu um vácuo de poder e instabilidade, sem autoridade no controle total. O país se dividiu e desde 2014 foi dividido em facções políticas e militares concorrentes baseadas em Trípoli e no Leste.

Entre os principais líderes estão o primeiro-ministro Fayez Sarraj, chefe do governo reconhecido pela comunidade internacional em Trípoli, Khalifa Haftar; líder do Exército Nacional da Líbia, que controla a parte oriental do país; Aghela Saleh, presidente da Câmara dos Deputados baseada na cidade oriental de Tobruk; e Khaled Mishri, o chefe eleito do Alto Conselho do Estado, uma câmara baseada em Trípoli. O Estado Islâmico aproveitou-se do conflito e ganhou o controle de várias cidades costeiras, incluindo Sirte, que ocupou até meados de 2017.

A situação do país está indefinida, já que possui dois governos declarados, além de ser um país rico em petróleo, é porta de entrada de africanos para a Europa, o que agrava mais ainda a situação vivida.

Marrocos

O Reino de Marrocos é baseado em uma monarquia parlamentarista e possui como capital a cidade de Rabat e cerca de 34 milhões de habitantes. A religião islâmica é muito presente no país, angariando cerca de 98,7% da população marroquina, sendo esses de maioria sunita de origem árabe. A religião foi inserida no país nas as conquistas muçulmanas durante o século VII – entretanto, habitantes que não seguirem o islamismo possuem livre arbítrio para praticarem a religião desejada. A localização privilegiada do país o permitiu florescer economicamente no milênio passado devido a facilidade de transporte marítimo pelo Oceano Atlântico. A presença de diversas potências europeias passou pelo país a partir do século XV, como a Espanha, Portugal, França e Reino Unido. O Tratado de Fez, em 1912, tornou Marrocos em um protetorado francês. Com decisões que não agradaram a oposição na década de 1950, o governo francês viu-se obrigado a permitir a independência do país, originando uma Monarquia Constitucional. Com a retirada do respeitado Sultão Mohammed V, a ilegitimidade provocou uma sistêmica decadência do domínio francês no local. Durante o passar das décadas, diversas regiões que estavam sob domínio das nações europeias retornaram ao domínio marroquino, unificando a nação. O rei Mohammed VI, que se tornou monarca em 1999, iniciou novas políticas econômicas e investigações em abusos de direitos humanos durante o governo de seu pai, rei Hassan II. Com a pressão da Primavera Árabe, Mohammed IV outorgou uma nova Constituição, na qual expande os poderes do Parlamento e do Primeiro Ministro – configurando assim a monarquia parlamentarista – mas ainda assim deixando o rei com poder nas mãos. Uma questão levantada frequentemente acerca do governo marroquino é a República Saharaui, no Saara Ocidental, que luta pela sua independência. Atualmente, ainda possui administração do jure pela Espanha – devido a isso, consta na lista da ONU de territórios ainda não descolonizados. Essa, por sua vez, desde 1960 declara o direito da RASD de declarar independência, na Conferência pela Descolonização. Os interesses da presença do território RASD agregado à Marrocos está no interesse marroquino no fosfato, que é utilizado na agricultura e biocombustíveis.

Sudão

A República do Sudão é um país localizado no Norte da África, sua capital é Cartum, o país é habitado por quase 40 milhões de habitantes, seu sistema de governo é presidencialista e seu presidente é Omar Hassan al-Bashir que é acusado de genocídio e de crimes contra a humanidade, e possui dois mandatos internacionais de prisão.

Os regimes militares que favorecem os governos islâmicos dominaram a política nacional desde a independência do co-governo anglo-egípcio em 1956. O Sudão se envolveu em duas prolongadas guerras civis durante a maior parte do restante do século XX. Esses conflitos estavam arraigados na dominação econômica, política e social do norte, principalmente de sudaneses do sul não muçulmanos e não árabes.

A primeira guerra civil terminou em 1972, mas outra irrompeu em 1983. As negociações de paz ganharam força em 2002-04 com a assinatura de vários acordos. O Acordo de Paz Global Norte-Sul final (CPA), assinado em janeiro de 2005, concedeu autonomia aos rebeldes do sul por seis anos, seguida por um referendo sobre a independência do sul do Sudão. O referendo foi realizado em janeiro de 2011 e indicou um apoio esmagador à independência. O Sudão do Sul tornou-se independente em 9 de julho de 2011. O Sudão e o Sudão do Sul ainda não implementaram plenamente os acordos de segurança e econômicos assinados em setembro de 2012, relativos à normalização das relações entre os dois países. A disposição final da região de Abyei contestada também deve ser decidida. Além do conflito de Darfur que matou mais 200 mil pessoas.

Tunísia

A Tunísia está posicionada entre a Argélia e a Líbia, no Norte da África, sua área é de 163.610 km2. A parte majoritária dos tunisianos são de origem árabe, 98%, e a população é constituída por 11,5 milhões de habitantes. Mais de 50% da terra possui

como objetivo fins agrícolas, mas também há petróleo, fosfatos, minério de ferro, chumbo, zinco, sal.

Os franceses tiveram como incentivo para reconhecer a independência da Tunísia em 1956, a grande onda de independências posterior a primeira guerra mundial. O primeiro governo pós-independência tinha como característica o unipartidarismo. Durante 31 anos, Habib Bourguiba reprimiu o fundamentalismo islâmico e estabeleceu direitos para as mulheres inigualáveis por qualquer outra nação árabe, ele deixou o poder por meio de um golpe sem sangue.

O político Zine el Abidine Ben Ali assumiu o governo, no entanto após os protestos devido à alta taxa de desemprego, corrupção, pobreza generalizada e altos preços dos alimentos, os quais acarretaram diversas mortes, Ben Ali fugiu do país. Beji Caid Essebsi se tornou em 2014, o primeiro presidente a exercer a função sob a nova constituição. No dia 04 de fevereiro de 2019, a frente popular tunisiana requisitou que o governo do primeiro-ministro Youssef Chahed fosse dissolvido, por causa do apoio do Movimento Ennahda de centro-direita, o pedido visa a esperança de que a futura juventude tunisiana não depende de forças estrangeiras.

Deve-se ser ressaltado um importante marco da história do Nobel envolvendo a Tunísia, pois a revolução Primavera Árabe, que se iniciou no território tunisiano, foi o primeiro movimento revolucionário a ser homenageado pelo Prêmio Nobel da Paz. A Primavera Árabe ocorreu ao longo do norte da África e do Oriente Médio, o suicídio do vendedor de frutas Mohamed Bouazizi em protesto aos altos índices de pobreza e corrupção desencadeou a onda de protestos que depuseram o ditador Ben Ali em 2011. Motivados pela vitória da população tunisiana, o Egito, Iêmen e Líbia começaram a lutar pela democracia.
Os grupos al-Qaeda no Magreb Islâmico (AQMI), Ansar al-Sharia na Tunísia (AAS-T) e Estado Islâmico do Iraque e rede ash-Sham (ISIS) atuam no territótio tunisiano.

8.1.2. África Oriental

Mapa da África Oriental

Fonte: Dreamstime

Burundi

A República do Burundi é um país localizado na África Central, sua população é de 11 milhões de habitantes, a capital é Bujumbura. Seu sistema de governo é presidencialista e seu chefe de Estado e governo é Pierre Nkurunziza, que está no poder desde das primeiras eleições democráticas no país, após a guerra civil, em 2005 e alterou a constituição para poder ficar na presidência até 2034.

O Burundi ficou independente da Bélgica em 1962. A história deste país foi marcada por violência política e transferências de poder não democráticas. O primeiro presidente democraticamente eleito do Burundi, um hutu, foi assassinado em outubro de 1993, após apenas 100 dias no cargo. O Acordo Arusha, encerrou uma guerra civil provocada pela luta entre as etnias predominantes no país, hutus, maioria, e tutsis, minoria, o acordo foi colocado em prática em 2005. As segundas eleições democráticas do Burundi foram realizadas em 2005.

O Burundi continua a enfrentar muitos desafios econômicos e políticos. O país ainda luta para apagar os reflexos de uma guerra civil que foi originado no conflito entre Hutus e Tutsis, que até hoje influencia em confrontos. Atualmente, o país vive uma onda de protestos contra o presidente e uma repressão à oposição. As autoridades burundianas e membros da Imbonerakure, a liga juvenil do partido no poder, realizaram diversos crimes contra os direitos humanos em 2018, incluindo execuções sumárias, estupros, sequestros, espancamentos e intimidação de suspeitos opositores políticos. Muitos desses abusos antecederam o referendo constitucional de 17 de maio, que permite ao presidente Pierre Nkurunziza permanecer no poder até 2034. Para complicar ainda mais, as organizações de ajuda internacional reduziram sua assistência porque deixaram de classificar o Burundi como país pós-conflito. A situação se agravou desde que a violência renovada surgiu em abril de 2015, causando outra onda de refugiados. Além da migração de refugiados.

Djibouti

Oficialmente República do Djibouti, o país possui uma posição estratégica para o entendimento de sua história. Perto da Somália e Eritreia, detém cerca de 908 mil habitantes e possui como capital a homônima cidade de Djibouti. Até 1977 era chamada de Somalilândia Francesa, sendo um protetorado francês - a presença desses no país era devido o interesse no intitulado “Chifre da África”. Graças a sua região litorânea, o comércio, antigamente, era favorecido por causa das questões

marítimas, realizando diversas trocas de couros e outras especiarias à países como China e Índia. Além disso, devido à pequena distância entre o país e o Oriente Médio, as tribos somalis foram as primeiras da África a adotar o Islã. Sua independência foi realizada através de um referendo da população, que decidiu pela libertação da França, sendo a última colônia dessa a se emancipar.

Em 2008 Djibouti acusou as forças armadas da Eritreia de terem invadido o país, levando a uma crise que remanescem consequências até os dias atuais – a França, a fim de ajudar Djibouti, seu ex-protetorado, enviou apoio logístico e médico para o país - entretanto, não o ajudou diretamente com força bélica. Tal atrito começou em 1935, quando a partição entre Djibouti e Eritreia foi realizada pelos italianos e franceses. Com o objetivo de encerrar a guerra, o CSNU propôs um acordo diplomático entre os chefes de estado de ambos os países, evitando o avanço do conflito. Em 2010, o Qatar intermediou a questão.

Hodiernamente o país opta por avanços na economia de transporte graças ao ponto estratégico do país, que está localizado próximo ao Mar Vermelho. Nisso, cerca de US$14 bilhões serão investidos em amplos projetos até 2035, incluindo um aeroporto que irá ter a capacidade 30 vezes maior que a atual. A arquitetura mista do país chama a atenção, visto que possui diversos elementos europeus e árabes - assim, o número de turistas pode se tornar ainda maior, levando a boas provisões para o futuro do país, que promete, futuramente, ser a “Dubai Africana”.

Eritréia

O Estado da Eritréia é um país localizado no chifre da África, na África Oriental, sua capital é Asmara, sua população é de aproximadamente de 6 milhões de habitantes. Seu sistema de governo é presidencialista, o presidente é Isaias Afworki. O país é uma ex-colônia italiana, e com o fim da Segunda Guerra Mundial ficou sobre a ocupação britânica.

A região havia sido decretada como uma região autônoma da Etiópia pela ONU, em 1952, entretanto, o país impôs o seu domínio sobre a Eritréia, provocando, assim, uma resposta, iniciando uma guerra pela independência. Em 1993 após a Frente de Libertação do Povo da Eritréia derrotar o governo de orientação marxista da Etiópia, a independência ocorreu e o país, por meio de um plebiscito aprovada por grande maioria do povo eritreu, se libertou do domínio etíope.

O governo eritreu é considerado autoritário e militarista, a justificativa é de que o país está sob constante ameaça de guerra pelos seus vizinhos –Djibuti e Etiópia-, além do mais, há um extremo controle sobre os meios de comunicação, os quais só funcionam se tiverem autorização do governo. A consolidação de um regime unipartidário foi feita com Afworki, que é o único presidente do país desde a independência, e institucionalizada com atitudes antidemocráticas, como a constituição, ratificada em 1997, que nunca entrou em vigor, e a eleição previstas para o mesmo ano, que não foram realizadas. Com relação a conflitos externos, o país tem feito consideráveis avanços, em 2018, o Estado de Guerra foi encerrado, iniciando-se uma iniciativa diplomática com seus vizinhos.

Etiópia

A República Federal Democrática da Etiópia foi uma das bases de criação das Liga das Nações - o país nunca foi colonizado – apenas ocupado durante o regime ditatorial de Mussolini em 1935. Possui heranças culturais ancestrais, como a Igreja Ortodoxa Etíope. Até 1974 foi governada por uma monarquia milenar, que vem desde a linhagem do rei Salomão e da rainha Saba – o último imperador, Ras Tafari (que adotou o nome Haile Selassie ao ser coroado), influenciou a cultura rastafari, que acreditava que o imperador etíope era predestinado a ser um Messias, o Rei dos Reis, além de ter centralizado o poder todo em suas mãos na primeira Constituição escrita da Etiópia.

Para muitos historiadores, a Etiópia foi um dos indícios que uma Segunda Guerra Mundial estava para acontecer – Mussolini, ditador italiano (que futuramente se

juntaria à Alemanha de Hitler e ao Japão no Eixo), invadiu o território etíope em 1936 devido a “dívida histórica” que acreditava possuir com a nação, uma vez que, no século XIX, invasões de exércitos italianos levaram à derrota do país europeu em um combate que levou ao Tratado de Addis-Abeba (a capital do país), que os expulsava do território africano. Demonstrando o fracasso de sua formação, a Liga das Nações tentou intermediar na conquista de Mussolini, porém, sem levar a qualquer conclusão na época. Após a denúncia de Selassie à Liga das Nações, em Genebra, o Reino Unido (onde o rei etíope estava refugiado) pressionou Mussolini, obrigando-o a deixar o território em 1941. Além disto, a vizinha Eritreia, antes tomada pelos exércitos italianos, uniu-se ao território etíope, em medida da Organização das Nações Unidas, criada após o fim da Segunda Guerra Mundial, mesmo após clamor do povo eritreu, que não queria a junção dos dois países em uma só federação. A ONU garantia direitos para o Eritreia - porém, em 1962, Selassie, agora em um Estado de orientação marxista, dissolveu o parlamento e anexou o país. Apenas na década de 90, com o enfraquecimento das forças soviéticas e a falta de investimento no país etíope, a Eritreia conseguiu sua independência, finalmente deixando de ser fixa à Etiópia. Atualmente, o país possui cerca de 108 milhões de habitantes, sendo um dos mais populosos da África.

Moçambique

A república de Moçambique é uma nação localizada no sudeste africano, sua capital é Maputo e sua população é de aproximadamente de 30 milhões de habitantes, seu sistema de governo é presidencialista e seu chefe de Estado e de governo é Felipe Jacinto Nyusi.

O país ficou independente em 1975, após quase cinco séculos de colonização emigração em grande escala, dependência econômica da África do Sul, seca severa e prolongada guerra civil impediram o desenvolvimento do país até meados da década de 1990. O partido da Frente para a Libertação de Moçambique (FRELIMO) abandonou formalmente o marxismo em 1989, e uma nova constituição no ano

seguinte previa eleições multipartidárias e uma economia de mercado livre. Um acordo de paz entre as forças da FRELIMO e da Resistência Nacional Moçambicana (RENAMO), negociado pela ONU, terminou os combates em 1992. Em 2004, Moçambique sofreu uma transição delicada quando Joaquim CHISSANO deixou o cargo após 18 anos no cargo. Seu sucessor eleito, Armando Guebuza, cumpriu dois mandatos e depois passou o poder executivo para

Atualmente, o país vive reflexos de uma guerra civil, que terminou em 1992, e que opôs o partido de governo e ex-rebeldes, as autoridades cometem diversos abusos e violações de direitos humanos, visto que os opositores são fortemente intimidados. O país é rico em gás natural e vem crescendo muito, mas ainda possui 24 milhões de habitantes na pobreza.

Quênia

A República do Quênia possui cerca de 50 milhões de habitantes e a cidade de Nairóbi como capital. Antes dominados por árabes, o país sofreu por regimes colonialistas a partir do século XV – em 1920, torna-se oficialmente uma colônia britânica após o estabelecimento do Protetorado do Leste Africano - entretanto, africanos eram impedidos de participar da política do país até o ano de 1944. Durante o período da Segunda Guerra Mundial, a população queniana que se alistou ao exército juntamente com os britânicos eram conhecidos como askaris, e, ao fim da guerra, esperavam voltar para casa com boas condições de vida – todavia, não foi o que ocorreu. Devido a isso e ao trabalho escravo forçado, surge um grupo de resistência: os conhecidos como Mau Mau, o que muitos acreditam significar “Mzungu Aende Ulaya Mwafrika Apate Uhuru” algo próximo a “pessoas brancas, voltem para a sua terra, deixe o africano ser livre.”. À entrada da rainha Elizabeth II ao trono britânico, a coroa declarou estado de emergência no Quênia, alegando que os soldados britânicos estavam sofrendo com assassinatos. Após a derrota de seu líder, os Mau Mau foram derrotados em 1956 – e, em 1963, foi declarada a independência do território queniano. As altas taxas de mortalidade infantil (60 a

cada 100 mil habitantes) e o grande número de indivíduos abaixo da linha da pobreza (que sobrevivem com menos de US$1,25 por dia) chamam a atenção da comunidade internacional acerca do país, que está localizado na linha do Equador, ao leste do continente africano. O atual presidente do Quênia é Uhuru Kenyatta, filho do primeiro presidente, em 1963, e ex-presidente do Kenyan African National Union, Jomo Kenyatta.

Ruanda

Oficialmente República de Ruanda, o país sofreu em um dos maiores genocídios da história - o Massacre de Ruanda, em que 800.000 de pessoas foram mortas. Os Twa eram os primeiros habitantes, porém, rapidamente, foram superados numericamente pelos Hutus. Durante cerca de dois séculos, os Tutsi chegaram à Ruanda e ganharam domínio sobre os povos residentes, formando um reinado. Durante a Conferência de Berlim, a região ficou para o governo Alemão, tornando-se uma colônia - entretanto, com os adventos da Primeira Guerra Mundial, a região passou a ser dominada pela Bélgica a partir de 1919. Em 1959, o rei Mutara III faleceu e foi substituído por Kigeri V. - todavia, os Hutu afirmavam que o novo rei não era legítimo, tendo chegado ao poder de forma ilícita - dado o exposto, é possível perceber os primeiros apontamentos de rivalidade entre os dois povos. A intensa rivalidade promoveu, após a independência em 1961, a emigração dos povos ruandeses para países vizinhos, como Uganda e Quênia. Com a chegada ao poder de um Hutu, os Tutsis formaram um grupo rebelde denominado Frente Patriótica Ruandesa (RFP) que, em 1990, iniciou frontes de ataques ao governo regente - através de diversos acordos de paz, em 1993 era acreditado que finalmente o conflito tinha encontrado um fim. Todavia, em 6 de abril de 1994, um avião que possuía entre seus passageiros os presidentes de Ruanda e Burundi (ambos hutus) foi derrubado – isso foi o suficiente para a revolta dos Hutus extremistas, que culparam a RPF como principal responsável pela morte das vítimas - em resposta, os Tutsis declararam que essa era uma estratégia dos próprios Hutus a fim de iniciar um genocídio contra a população Tutsi – assim foi iniciado um genocídio que levou à

morte de cerca de 800.000 pessoas e consequências que perduram até os dias atuais. Com a articulação da RPF, que era apoiada pelo governo de Uganda, marcharam para o fim do conflito – assim, 2 milhões de Hutus desertaram para a República Democrática do Congo.

Hodiernamente o país conseguiu conciliar as antigas cicatrizes, mas não as atar totalmente: ainda é proibido discutir sobre etnia, o que leva a especialistas acreditarem que, continuando nessa linha de pensamento, nunca será possível atingir a plena paz e fim da guerra entre tutsis e hutus. Com a comoção da comunidade internacional, que à época do genocídio não prestou condolências ou se esforçou para ajudar o país em guerra civil, foi possível atingir níveis jamais vistos em Ruanda na qualidade de vida. Com foco nos adultos de hoje que eram crianças durante o massacre, o governo de Ruanda tem ótimas previsões para o próspero futuro do país, que está começando a caminhar com as próprias pernas.

Somália

República Federal da Somália é um país localizado no extremo oriente africano, ela é uns dos países do Chifre da África. Sua capital é Mogadísco e sua população é de 15 milhões de habitantes. O tipo de governo somali é parlamentar federal, o presidente é Mohamed Abdullahi Mohamed. A Somália surgiu com a União da Somalilândia Italiana com a Somalilândia Britânica, em 1960.

O país viveu um regime socialista após um golpe liderado o Mohamed Siad Barre, o governo teve como características centrais o autoritarismo e a violência, e em 1991 o regime entrou em colapso. Com a desestruturação do governo somali, o país entrou em anarquia total, uma guerra entre clãs somalis se iniciou e a região de Somalilândia e Puntland, ambas no norte do país, declararam autonomia, e a primeira também declarou sua soberania, ou seja, atualmente a Somalilândia funciona como um país independente da Somália, mas não há reconhecimento internacional. Ocorreram diversas intervenções no local do conflito, entretanto, não foram suficientes para conter o caos do país, a ONU adentrou no país,

primeiramente para conter a grave crise alimentar na Somália, a missão não conseguiu conter a fome e em 1995 com a retirada da ONU a situação voltou a piorar. Já a União Africana realiza intervenções periódicas no país, a Missão da União Africana na Somália (AMISOM) é responsável pela atuação da entidade, além disso a ONU também atua politicamente no país com o Gabinete de Apoio das Nações Unidas na Somália (UNSOS).

A anarquia generalizada deu espaço para a atuação terrorista do grupo Al-Shabab e o Estado Islâmico do Iraque. A capital Mogadísco chegou a ser ocupada pelo primeiro grupo, e após esforços internacionais a cidade foi libertada, mas o grupo ainda persiste em ataques terrorista, mesmo com a tentativa de diálogo do governo de transição da Somália, que foi instaurado em 2012 com apoio do vizinho Quênia e da comunidade internacional. Como consequência da atuação terrorista observa-se um recrutamento de crianças expostas à guerra, sendo que é uma situação gravíssima e pouco contida pelo governo somali. Atualmente, a situação no país pouco mudou, a atuação do presidente tem alcançado consideráveis avanços, mas a guerra interclãs continua nas regiões rurais da Somália, inclusive há registros de combates militares com as forças da UA, além da atuação do Al-Shabab nos campos do país, em que exerce forte controle.

Aliando-se a situação caótica no continente, há também a forte pirataria nos mares do país. Em 2017 e 2018, as atividades piratas aumentaram consideravelmente na Somália, os criminosos atuam explorando a situação de guerra que vive o Iêmen, próximo à Somália, capturando navios e fazendo dos tripulação refém, cobrando altos resgates pela a libertação marinheiros e devolução dos navios

Sudão do Sul

A República do Sudão do Sul, é um país localizado no Norte da África, sua capital é Juba, sua população está estimada em 10 milhões de habitantes. O sistema de governo do país é presidencialista e seu presidente é Salva Kiir Mayardit. O país

ainda vive os conflitos vivenciados na luta pela a independência contra o Sudão, além das disputas internas

O Sudão do Sul conquistou a independência do Sudão em 9 de julho de 2011, como resultado de um acordo de 2005 que pôs fim à mais longa guerra civil da África. Composto pelos 10 estados mais ao sul do Sudão, o Sudão do Sul é um dos países mais diversos da África. É o lar de mais de 60 diferentes grupos étnicos, e a maioria de seus seguidores seguem as religiões tradicionais. A independência não pôs fim ao conflito no Sudão do Sul. A guerra civil eclodiu em 2013, quando o presidente caiu com o seu então vice-presidente, levando a um conflito que deslocou cerca de 4 milhões de pessoas. Um acordo de divisão de poder foi assinado entre as partes em conflito em agosto de 2018 em uma tentativa de encerrar a guerra civil de cinco anos.

Desde a independência, em 9 de julho de 2011, o Sudão do Sul tem lutado contra a boa governança e a construção da nação e tentou controlar as forças da oposição que operam em seu território. As condições econômicas se deterioraram desde janeiro de 2012, quando o governo decidiu encerrar a produção de petróleo após divergências bilaterais com o Sudão. Em dezembro de 2013, o conflito entre o governo e as forças da oposição matou dezenas de milhares e levou a uma grave crise humanitária, com milhões de deslocados do Sudão do Sul e insegurança alimentar. As partes em conflito assinaram um acordo de paz em agosto de 2015 que criou um governo de transição de unidade nacional em abril de 2016. No entanto, em julho de 2016, os dois principais signatários começaram a brigar em Juba, mergulhando o país novamente em conflito.

Uganda

A República de Uganda possui como capital a cidade de Kampala e possui cerca de 42 milhões de habitantes. O país sofre com alta mortalidade infantil (72 a cada 1000 habitantes), uma taxa de 27% de analfabetismo, pouco acesso ao saneamento básico, além das altas taxas de desemprego. A principal fonte de receita é a

agricultura – banhada por rios, a abundância de água garante a fertilidade do solo e a prosperidade das colheitas. Ocupada pela Grã-Bretanha, era um protetorado inglês já em 1894 – era uma das regiões mais ricas da África oriental britânica. Após a formação da Uganda People's Congress (UPC), em 1960, os ingleses começam a ceder às pressões - porém, somente em 1962 a independência é conquistada. Após anos de ditadura de Idi Amin, os Estados Unidos da América interviram no país, em 2011, mandando tropas para o país - o motivo era a grande reserva de petróleo no território ugandense.

Zimbabwe

O Zimbabwe está situado na África Austral entre a África do Sul e o Zâmbia, é possível encontrar no território carvão, minério de cromo, amianto, ouro, níquel, minério de ferro, bronze, lítio e minerais do grupo da platina. A população zimbabuana é composta por aproximadamente 15 milhões de pessoas, o país possui um alto índice de natalidade, uma vez que a cada 1000 habitantes, há 44 nascimentos.

Diferentemente do que se acredita, os colonos originais do Zimbabwe não foram os Europeus e sim os Khoísan, junção entre dois grupos distintos etnicamente. Durante o século IX, o povo Bantu se estabeleceu como líder do território e originou o Império Monomotapa, o qual perdurou até a exploração do subsolo por parte de Portugal. A descoberta de ouro em 1867 gerou um interesse inglês nas terras do Zimbabwe, a Inglaterra começou a controlar o território, apesar da relutância portuguesa.

A área era dividida em três partes, Rodésia do Sul, Rodésia do Norte e Niassalândia, em 1953 ocorreu a unificação estimando recursos e mercado. Entretanto a união não durou muito tempo, em 1964, Rodésia do Norte e Niassalândia tornam-se os estados independentes de Zâmbia e do Malawi, enquanto a Rodésia do Sul declara independência enquanto está sendo comandada

por Ian Smith - defendia os interesses da comunidade branca sul africana - que instaura um regime apartheid semelhante ao da África do Sul.

Somente em 1980 que os zimbabuanos liderados por Robert Mugabe conseguem chegar ao poder. Porém Mugabe revela-se com um ditador corrupto desencadeando uma destruição da economia, o que gerou uma hiperinflação. Para que Robert Mugabe não tivesse que se retirar do poder, o governo começa a ser gerido por Mugabe e seu opositor, Morgan Tsvangirai.Os atuais conflitos do Zimbabwe estão relacionados às questões políticas.

8.1.3. África Ocidental

Mapa da África Ocidental

Fonte: Dreamstime

Costa do Marfim

A república da Costa do Marfim é banhada pelo Golfo da Guiné e está localizado na África Ocidental, há em demasiada quantidade nas florestas tropicais do país, mogno e teca. De acordo com os dados de 2016, residem 24 milhões de pessoas nas terras marfinenses, entres os maiores grupos étnicos estão os akãs e os mandês.

Diante do contexto escravista que ocorreu na África, foi gerado um ódio entre os diferentes grupos étnicos, o que desencadeou diversos conflitos tribais. Ademais, aconteceram caçadas humanas entres os grupos em questão que teve como consequência migração dos povos.

A nação se tornou independente em agosto de 1960, quem assumiu a presidência foi Félix Houphouët-Boigny que ficou no poder durante 33 anos até a sua morte, em 1993. Ele executava uma política paternalista, o que gerou oposição que foi combatida por um multipartidarismo em 1990, no entanto a abertura política não foi completa (adversários políticos presos em 1992). Após a morte de Houphouet-Boigny, o governo ficou estável durante um longo período, o seu sucessor foi deposto por um golpe de estado. Em 2000, o líder da Frente Popular Marfinense, Laurent Gbagdo, assumiu o poder.

O ex-presidente marfinense Laurent Gbagbo foi acusado de cometer crimes contra a humanidade, estupro e outras formas de violência sexual, assassinato, perseguição e “outros atos desumanos”, Gbagbo foi acusado de cometer violência eleitoral, a qual pode ter tido como consequência, entre dezembro de 2010 e abril de 2011, a morte de milhares de pessoas e pelo menos meio milhão de deslocados. O julgamento durou 236 dias, durante as audiências foram apresentados oitenta e dois depoimentos e provas da promotoria. Apesar de todas as provas, o político foi absolvido no começo de janeiro pelo Tribunal Penal Internacional em Haia, na Holanda.

Gana

A República de Gana – antes conhecida como Costa de Ouro possui cerca de 29 milhões de habitantes e possui como capital a cidade de Acra. O país transportou diversos escravos durante o período colonial português entre os séculos XVIII e XIX. Após o fim da escravidão, muitos foram levados de volta ao país de origem – conhecido entre os historiadores como uma “diáspora reversa” durante as revoltas imperiais no Brasil - levando a uma comunidade local chamada de Tabom – que carrega até hoje traços do território brasileiro do século XIX, incluindo culinária, religião e diversos nomes, apesar da perda da língua portuguesa. Fazendo jus ao antigo nome, o país possui grandes reservas naturais de ouro, diamante, manganês e outros minerais que favorecem a economia, além do cultivo de cacau, sendo o segundo país que mais o exporta no mundo. A hidrelétrica de Akosombo, no Rio Volta – o maior rio artificial do mundo – possibilita a atividade industrial. Dos 24 milhões de habitantes, aproximadamente 58% são cristãos. Apesar da diversidade econômica, apenas 10% dos habitantes possuem acesso a rede de esgoto adequada – entretanto, 80% possuem acesso à água potável diariamente. O país sofre, também, com o descarte de dejetos tecnológicos de países desenvolvidos – apesar do tratado internacional afirmar que resíduos não podem ser levados a outros países, há uma brecha que os leva a considerá-los produtos de segunda mão, viabilizando a leva de lixos como televisores, computadores e celulares estragados. Todavia, esse descarte permite a renda de diversas famílias em situação de pobreza extrema. Durante os anos de 1964 a 1992 – 7 anos após a independência do Reino Unido, sendo o primeiro país africano a se tornar independente - a nação possuía apenas um partido político e, apenas em 1992, uma nova Constituição foi estabelecida e o Estado voltou a ter diversos partidos, garantindo, assim, a variedade ideológica no parlamento.

Guiné

Na fronteira com o Oceano Atlântico do Norte, na África Central, está localizada a Guiné, a qual é tida como um dos países mais ricos da África, embora 55% - aproximadamente - dos 11,8 milhões de habitantes estejam abaixo da linha de pobreza. Estão distribuídos pelas terras de Guiné bauxita – 25% da bauxita existente no mundo -, minério de ferro, diamantes, ouro, urânio, energia hidrelétrica, peixe e sal.

A nação se tornou independente em 1958 no dia 2 de outubro, mas somente em junho de 2010 que transcorreu uma eleição por meio de votos livres. O primeiro presidente foi Ahmed Sekou Toure, que governou até a sua morte em 1984. O governo de Toure ocorreu de um modo autoritário e brutal, o seu sucessor, Lansana Conte, não executou o poder de forma distinta, o que pode ser indicado pelo fato de que assumiu o governo através de um golpe de estado. Moussa Dadis Camara substituiu Conte em dezembro de 2008 como líder de uma junta militar, a qual combateu alguns manifestantes em 2009, após o acontecimento em questão, os soldados foram acusados de mutilação, estupro e assassinato.

Depois de mais de 50 anos de governos não democráticos, a Guiné realizou sua primeira eleição através de votos livres em 2010 e 2013, o vencedor foi Alpha Conde, o qual foi reeleito em 2015. Conde comanda o primeiro governo civil guineense. A nação organizou uma reunião em 2016 que reuniu o governo e a oposição estimando solucionar as problemáticas.

A nação que sofreu uma forte influência cultural do seu país colonizador, a França, possui três religiões principais: o islamismo (cerca de 85% da população), o cristianismo (8%) e as crenças tradicionais, que representam cerca de 7% da população. Em 2013, a religião foi impulsionadora de um conflito entre cristãos - Kpelle - e muçulmanos - Konianke – da cidade de Nzerekore, o conflito ocasionou a morte de 54 indivíduos.

Perante a grande quantidade de seguidores do islamismo, há diversos festivais e feriados no país baseados na religião em questão, como o Eid Al-Fitr, o Eid Al-Adha

e o jejum durante o mês sagrado do Ramadã, mas também são comemoradas datas do calendário cristão, como a Páscoa.

Libéria

A República da Libéria possui cerca de 4.7 milhões de habitantes e possui como capital a cidade de Monróvia. O país sofreu com uma dura guerra civil, em que cerca de 250.000 pessoas morreram. Com sua Constituição já estabelecida em 1847 com uma população de américo-liberianos, o país avançou diversas vezes em questões raciais, abolindo práticas de trabalho forçado e discriminação racial já nas primeiras décadas do século XX. Uma das questões que ronda o país do oeste africano é o fato de que mesmo sendo o primeiro do continente a se tornar uma república e ter uma mulher como chefe de estado, ele ainda assim se localiza entre os 5 países mais pobres de todo o mundo. Para olhar para esta história, é necessário ressaltar a influência americana durante a época colonizadora. Até mesmo o nome do país e sua capital foram influenciados pelas marcas estadunidenses – Libéria vem do conceito de liberdade, e a capital, Monróvia, vem do nome do presidente James Monroe, atuante na época - a morte do político, em 4 de julho de 1831, no dia da comemoração da Independência Americana, torna-o um símbolo para os ex-escravos libertos que voltam para o continente de origem. Além dos nomes, até mesmo a bandeira foi inspirada na bandeira americana. A grande Guerra Civil travada no país durante cerca de 20 anos teve como motivo principal o governo ditatorial de Samuel Kanyon Doe, que cancelou a Constituição do país e desencadeou uma crise econômica imensa – a oposição, liderada por Charles Taylor acabou por apoderar de quase todo o país. Durante a Guerra, diversos tratados de paz foram instaurados, porém não foram seguidos. Atualmente, o país ainda sofre diversas crises econômicas, lutando a beira de um colapso.

Mali

A República do Mali foi uma plataforma de colonização francesa por vários séculos. Possui cerca de 19 milhões de habitantes. Em meio ao Deserto do Saara, o país

sofre com um clima árido - a capital, Bamako, possui diversas mesquitas e templos islâmicos. Com presença significativa de terroristas como o grupo Al-Qaeda – devido a isso, a França enviou, em 2013, com aval da ONU, tropas para ajudar a ex-colônia a combater os extremistas islâmicos - a missão, considerada uma das mais complexas da ONU, possui como entrave o fato da geografia local – as dunas de areia levam facilmente as pegadas e rastros dos grupos terroristas, dificultando a localização desses. O solo da região possui grande quantidade de ouro – relatos do século XIV indicam que o imperador Mansu Musa I possuía uma fortuna de cerca de US$400bi ajustados à inflação atual – sendo o homem mais rico do mundo na época - a presença do “Rei dos Reis”, como era nomeado, garantiu a difusão de ideias islâmicos na região, investindo fortemente em mesquitas e escolas sobre a religião do profeta Maomé. Dependente da mineração e cultivo de algodão, a região vem sofrendo fortemente por fortes secas – essas influenciaram até mesmo festivais musicais do Mali, que há 3 anos não recebe as bandas de várias partes do mundo, ajudando ainda mais na dificuldade econômica, retirando parte do lucro vindo do turismo. Durante as duas últimas décadas, Mali passou por diversas crises políticas, incluindo diversas eleições instáveis e golpes políticos.

Mauritânia

A República Islâmica da Mauritânia possui cerca de 4,4 milhões de habitantes e possui como capital a cidade de Nouakchott. O país possui a maior extensão de deserto do continente africano e uma boa parte de sua população é nômade. Sendo o berço do Império Almorávida, a nação ajudou a popularizar o Islã na região. Durante o século XV, países europeus começaram a demonstrar interesse na região - a França, em 1817, ganhou controle da região costeira e, em 1904, passou a exercer um protetorado. O domínio francês trouxe ao país a proibição do trabalho escravo e colocou fim às guerras entre os clãs locais, além de estabelecer noções culturais europeias, o que não ocorria antes. Em 1960, o país se tornou independente – e, em 1991, adotou uma nova Constituição que garantia a legalidade dos partidos opositores. A economia do país é centrada na exportação de minérios

locais, como ouro. Uma estratégia baseada em conversa e ações militares vêm impedindo o avanço do terrorismo no local – de 2005 a 2011, diversos prédios governamentais foram destruídos, turistas e população local foram assassinados. Uma das práticas nocivas presentes no país é o ato de engordar meninas desde a infância para torná-las atrativas na vida adulta, atraindo maridos mais facilmente - prática chamada como gavage, um termo francês que indica o ato de engordar patos para produzir foie gras. A atividade causa diversos problemas na alimentação e psicológico durante toda a vida das mulheres, como o diabetes.

Nigéria

A República Federal da Nigéria possui como capital a cidade de Abuja e conta com uma população de cerca de 183,5 milhões de habitantes, sendo o maior contingente populacional do continente africano e a maior economia. Apesar da grande receita vinda de exploração de petróleo, o retorno não vem para a população nigeriana – o desvio de verbas e a corrupção exacerbada levam a mazelas sociais presente em quase todas as partes da nação. Lagos, a antiga capital, é a maior cidade da Nigéria, possuindo uma alta densidade demográfica de aproximadamente 8 mil habitantes por km², e é considerada a capital econômica do país. O caos social dispara da economia – o petróleo, principal renda, corresponde a cerca de 95% das exportações e 80% da receita nacional, além de participar em 14,4% do Produto Interno Bruto. Anteriormente, o país consumia sua própria produção agropecuária, mas necessitou recorrer a importações de outros países ao redor do mundo. Os índices de desemprego e pobreza extrema são alarmantes, caracterizando a Nigéria como uma potência emergente – 60% da população vive com menos de R$4,00 ao dia, além de 20% da população não ter emprego registrado. Por outra via, o primeiro africano ao entrar na lista dos maiores bilionários do mundo é nigeriano – Aliko Dangote possui uma fortuna de US$24 bilhões, mostrando os dois lados extremos presentes na nação. O grupo terrorista Boko Haram, com sede no norte nigeriano, vem sido combatido com ajuda de forças internacionais e das forças armadas – com o investimento na investigação sobre o grupo, os índices de ataques diminuíram

consideravelmente – entretanto, o grupo possui um intenso histórico de investidas a favor da lei islâmica, a sharia. Entre elas, estão o sequestro de 110 meninas em fevereiro de 2018 e a destruição de dezenas de templos religiosos em todo o território nigeriano. O grupo, que convoca milicianos em estado de vulnerabilidade, atacam oleodutos e garantem uma vida superior aos seus participantes. Os movimentos do grupo possuem grande impacto na comunidade internacional, devido ao fato de não ser atrativo para países estrangeiros investirem em um governo que passa por diversos problemas internos, além do gasto extra com segurança para garantir a vida útil dos produtos comercializados.

Níger

O Níger é ocupado por 19,8 milhões pessoas, grande parte da população é constituída pelo grupo étnico Hausa, aproximadamente 50%. O território está situado na África Ocidental, ao sudeste da Argélia, estão disponíveis nas terras nigerianas ouro, minério de ferro, carvão, petróleo, sal, estanho e gesso. O urânio, além dos cultivos de subsistência e gado, é uma das bases econômicas do país.

Posterior a independência da França, em 1960, o Níger foi regido por meio de um governo unipartidário e militar até 1991. O povo pressionou tanto Ali Saibou, governante da época, que ele permitiu a ocorrência de eleições multipartidárias, tal fato teve como desfecho um governo democrático em 1993. Entretanto a democracia do país é instável, uma vez que já passou por dois golpes de Estado desde 1993. Atualmente, Issoufou Mahamoud que é o presidente de Níger, ele foi eleito em 2011 após um golpe e foi reeleito nas eleições de 2016.

O terrorismo no Níger é executado através de 5 grupos, são eles Estado Islâmico do Iraque e redes de fissuras de cinzas no Grande Saara (ISGS), Estado Islâmico do Iraque e Ash-Sham (ISIS) - África Ocidental, Batalhão al-Mulathamun, Jama'at Nusrat al-Islam wal-Muslimin (JNIM) afiliado à al-Qaeda e Boko Haram, sendo que os dois citados por último agem por influência estrangeira.

Em fevereiro de 2019, os Estados Unidos da América (EUA) montaram um centro de comunicações e operações ao exército no território nigeriano visando combater o Boko Haram. A presença dos EUA no país foi divulgada em outubro de 2017 após a morte quatro soldados estadunidenses e cinco soldados nigerianos.

Senegal

A República do Senegal possui como capital a cidade de Dakar e cerca de 16 milhões de habitantes. Relatos históricos garantem que Senegal foi uma das terras habitadas em tempos pré-históricos, garantindo, assim, uma importância histórica ao território. Inicialmente, no século XV, comerciantes europeus - ingleses, franceses e portugueses - chegaram ao local a fim de explorar marfim, ouro e procurar pelo comércio escravista. Em 1895, tornou-se parte da colônia francesa denominada África Ocidental Francesa – com os adventos da Revolução Francesa, os habitantes do país eram considerados cidadãos franceses. Em 1960, o domínio francês na região terminou e Senegal declarou plena independência. Durante um breve período de 7 anos, de 1982 a 1989, o país uniu-se à Gâmbia, formando um novo país, a Senegâmbia, a fim de facilitar transições econômicas e por questões geográficas, uma vez que, atualmente, a Gâmbia insere-se dentro do território senegalês. Desde a independência até 2000, o país foi gerenciado por um governo socialista, modelo que chegou ao fim após o mandato de Abdou Diouf. Hoje, o foco da economia do país é a agricultura e exploração de minérios.

Serra Leoa

A República de Serra Leoa possui cerca de 7,5 milhões de habitantes e a capital é Freetown. Um fator alarmante presente no país é o índice de expectativa de vida: é o menor do mundo, sendo pífios 51,84 anos em média, segundo dados de 2016. Inclui, também, uma taxa de 70% de indivíduos abaixo da linha da pobreza. Invadida pelo navegador português Pedro de Sintra em 1460, foi decretada como colônia somente em 1787 a fim de receber escravos libertos dos Estados Unidos em um decreto da Inglaterra - entretanto, a real exploração do país começou em 1930, com

a descoberta da enorme quantidade do minério diamante no território. Além do diamante, estão presentes o ouro, dióxido de titânio, ferro, platina e bauxita – parte da economia provém da agricultura, que toma vantagem nos excelentes solos e abundância de água. Até o ano de 1971, o país sofria com a presença de colonizadores ingleses - após golpes de Estado, o Congresso para Todos os Povos (APC) proclamou a independência de Serra Leoa como um estado uni-partidário. O mercado de “diamantes de sangue” causou dezenas de massacres no país, levando a morte de milhões de pessoas – entre os acusados estão chefes de Estado, como Charles Taylor, ex-presidente da Libéria. O Processo Kimberley possui como foco a investigação acerca do comércio de diamantes, a fim de evitar a perpetuação dos “diamantes de sangue”, que possuem como base o trabalho escravo e incendeiam guerras civis por toda a África - muitos diamantes são exportados ilegalmente por meio de contrabando – para a ONU, é difícil combater o embargo deles, uma vez que o processo de transporte é facilitado devido ao tamanho, podendo ser escondidos em caixas de fósforos e ocultados em alguma parte do corpo, como a língua ou a pele, em feridas recém-abertas e cicatrizadas. Um dos focos do Processo Kimberley foi a ex-modelo britânica Naomi Campbell, que foi acusada de receber três diamantes brutos provindos do comércio ilegal da Serra Leoa, que foi intimada pelo Tribunal da Serra Leoa.

8.1.4. África Central

Mapa da África Central

Fonte: Dreamstime

Angola

Sendo um dos maiores produtores de petróleo da África - cerca de 90% da exportação do país - a República de Angola é uma nação que se tornou independente recentemente – apenas em 1975 se livrou do controle de Portugal. É

parte do PALOP (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa). Angola foi um dos principais “exportadores” de escravos para o território brasileiro, transportando cerca de 1 milhão nas trocas portuguesas. Durante sua história, possuía movimentos guerrilheiros para a luta da independência - no século passado, aproximadamente 1,5 milhões de pessoas foram mortas na luta. A UNITA (União Nacional para a Independência Total de Angola) - órgão presente até os dias de hoje - foi uma das líderes na oposição ao controle português. Durante essa guerra, milhões de minas terrestres, cujo possuem material base barato, sendo assim acessíveis, foram plantadas por todo o território angolano, e principalmente em cidades estratégicas - em 2009, a quantidade de pessoas mortas diariamente devido a permanência dessas foi de cerca de 3 por dia, e, segundo o governo local, existiam cerca de 15 milhões de minas ativas à época. Recentemente, em 2010, o país recebeu uma nova constituição - sendo a terceira até agora, concebendo sufrágio universal, garantindo a soberania do representante de Estado escolhido pela população geral, baseando-se na dignidade da pessoa humana e construção de uma sociedade livre e justa. Em janeiro de 2019, o país despenalizou a homossexualidade e permite aborto em alguns casos – aprovando um novo código penal, o primeiro desde a independência.

Camarões

O país vizinho da Nigéria, Camarões, é habitado por 24,05 milhões de pessoas (Banco Mundial, 2017), sendo que 54,02% dos habitantes são ativos. O Estado é tido como autossuficiente na produção de alimentos e possui petróleo, óleo que motivou as disputas com a Nigéria. As duas nações africanas almejavam conquistar a península de Bakassi em 2002, pois a região era rica em Petróleo, a disputa se encerrou devido o Acordo de Greentree de 2006, mediado pelo então secretário-geral da ONU Kofi Annan, que estabelecia que o território seria transferido para Camarões.

No ano de 2000, foi construído um oleoduto entre Chade e Camarões, o que ocorreu com o financiamento do Banco Mundial devido a alta rentabilidade do projeto. Como os Estados em questão não possuíam conhecimento sobre como agir de acordo com os parâmetros ambientais adequados, o projeto teve como consequência grandes danos ambientais.

Após a sua independência em 1960, o país foi governado por Ahmadou Ahidjou, que instaurou um regime autoritário de partido único durante duas décadas. Paul Biya, o primeiro ministro na época, assumiu o poder em 1982 e permitiu que houvessem eleições presidenciais multipartidárias, apesar de terem passado trinta e sete anos, Biya ainda atua como presidente. No dia 28 de janeiro de 2019, o ex presidenciável, Maurice Kamto, do partido opositor ao governo atual de Camarões foi detido por convocar protestos contra os resultados da eleição de outubro de 2018. As forças de segurança arrazoaram que as manifestações não haviam sido autorizadas, a represália por parte das forças de segurança resultou na morte de cerca de sete pessoas, segundo a Anistia Internacional, e na prisão de mais de cem indivíduos.

Há uma Crise Anglófona ocorrendo em Camarões, os anglófonos são considerados “terroristas” pelo governo. O território nacional é dividido entre as regiões que se comunicam com a língua inglesa e a que se comunica com demais línguas, que seria a região anglofona. As regiões de língua inglesa podem ser descritas como áreas militarizadas, sendo aconselhado que não haja a filmagem dos soldados e a desobediência de suas ordens, os militares podem abrir fogo contra qualquer pessoa que seja considerada separatista.

No dia 18 de janeiro de 2018, Camarões sofreu críticas por parte do Alto Comissário das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), por conseguinte da ação realizada pelo governo que ocasionou a expulsão de refugiados nigerianos. Atualmente, o território de Camarões abriga cerca de 370 mil refugiados, dos quais 100 mil são oriundos da Nigéria, os números podem ter se alterado no fim do mês

de janeiro, uma vez que o Boko Haram e outros grupos Jihadistas fizeram com que 30 mil pessoas abandonassem a Nigéria e fossem em direção a Camarões.

A nação pode ser descrita como um ponto de cruzamento dos povos, uma vez que o território conta com 230 grupos étnicos, em média, como bantús, hamitas, semitas, semibantos e sudaneses, pigmeus, arabo-berberes. Cada grupo possui um traço em comum, no entanto, diversos grupos não partilham o mesmo idioma, costumes ou de um mesmo patrimônio cultural. Pode-se destacar como religiões predominantes o cristianismo, o islamismo e o animismo.

A cultura camaroense é muito rica em cores, como demonstra a festa do Ngondo, a qual ocorre entre os povos da costa, em que há uma mistura de magia, dança, máscaras e corridas de Piroga. Já os funerais a Oeste e a Norte são celebrados por meio de grandes festas coloridas para homenagear os mortos.

Chade

A República do Chade está localizada no Sul da Líbia, África Central e apresenta em seu território petróleo, ouro, uma vasta quantidade de peixes- lago Chade- e 39,6% da terra é usufruída para fins agrícolas. A população é constituída por 15,8 milhões de pessoas e tende a crescer, a nação apresenta um alto índice de mortalidade, sendo a terceira maior taxa de mortalidade materna do mundo. Contrapondo os fatos expostos, a natalidade do país é elevada em virtude da falta de educação que possibilitaria que houvesse um melhor planejamento familiar e da falta de infraestrutura.

O país foi colonizado pela França, após a sua independência em 1960, lidou com uma Guerra Civil por três décadas, além das invasões da Líbia até 1990. A primeira guerra civil no território foi motivada pela ditadura do então presidente François Tombalbaye, o qual foi assassinado em 1975 durante um golpe de estado. Apesar da morte de Tombalbaye, os conflitos perduraram até 1978 devido o duro regime

militar. As lutas só acabaram após o Acordo de Lagos que compôs um governo de transição até as próximas eleições, entretanto o país já estava envolto em um caos, o que corrobora tal ponto é a rivalidade entre dois políticos, Goukouni Queddei e Hissène Habré, que resultou em um golpe de estado que por conseguinte a população e os opositores sofreram diversas atrocidades.

Diante dos resquícios do conflito descrito anteriormente, a segunda guerra civil sucedeu de 2005 até 2010. Desde antes da independência, há uma grande rivalidade entre dois grupos religiosos de Chade, os cristãos (sul) e os muçulmanos (norte). Quando um grupo está no poder, o outro não aceita e começa a combatê-lo, tal questão proporciona um ambiente hostil para o povo.

Em 2009, o governo do país pediu o auxílio da Organização das Nações Unidas (ONU) para que as tropas armadas fossem removidas do território. Em 2017, um artigo da revista Exame retratou que Chade é tido como um país que está “à beira de um colapso” por seu histórico de conflitos, ambiente político instável e a violação de inúmeros direitos humanos.

O atual presidente do país é Idriss Déby, se encontra no poder desde 1990 e pretende ocupar a sua atual posição por mais tempo, é o que indica sua atitude em março de 2018. No ano passado, Déby proclamou “o nascimento de uma quarta república” ao abrir um fórum que visa aprovar alterações constitucionais. Previa-se o prolongamento do mandato do presidente de cinco anos para sete anos, a conferência foi boicotada pela oposição por meio da justificativa de que é uma forma de prolongar o regime de Idriss Déby, uma que em 2005, ele já havia determinado a eliminação de um limite de mandatos.

Atualmente, dois grupos terroristas atuam no território chadiano, sendo eles o Boko Haram e Estado Islâmico do Iraque e Ash-Sham (ISIS). O Boko Haram atua também na capital do país, N'Djamena, a Central Intelligence Agency divulgou a nota

“opõe-se violentamente a qualquer atividade política ou social associada à sociedade ocidental incluindo votar, freqüentar escolas seculares e usar roupas ocidentais (abril de 2018)” sobre a capital do país. O ISIS opera na região do Lago Chade.

Embora durante a década de 60, ocorreu a tentativa de criar uma identidade única da República do Chade, o país ainda possui uma vasta diversidade cultural. A história da nação conta com crânios de hominídeos que datam de mais de 7 milhões de anos, além de ter sido palco de grandes reinos, como os Ouaddai e Baguirmi. O Chade foi colonizado pelos franceses, os quais - devido a junção de todos os reinos existentes em uma só região - propiciaram a ocorrência da atual cultura chadeana.

Os costumes da população variam entre uma parte sedentária e em grande parte cristã, os Saras que habitam a região sul, enquanto a região norte é povoado por povos nômades, principalmente muçulmanos. As religiões que existem no Chade sofrem demasiada influência indígena, como o animismo - todas as formas identificáveis da natureza possuem uma alma e agem intencionalmente -, 10% da população do Chade ainda realiza a religião indígena exclusivamente.

Gabão

Na África Central está situado o Gabão, o qual faz fronteira com Camarões, Guiné Equatorial e República do Congo. Estão presentes no território ouro, petróleo, gás natural, madeira, minério de ferro e energia hidrelétrica, as florestas gabonesas constituem 81% das terras, segundo dados de 2011. A população do Gabão é constituída por 2,119,036 (julho de 2018) pessoas, grande parte delas são católicas romanas, aproximadamente 40%.

A nação conta com aproximadamente 40 grupos étnicos, como os Bantus, Fangues e Mepongues. Um traço marcante da cultura gabonesa é a adoração aos espíritos, antes da chegada dos colonizadores eles consideravam a música, instrumentos,

máscaras, esculturas e danças tribais como ritos e atos de adoração. Grande parte dos gaboneses são seguidores do cristianismo – protestantismo e catolicismo romano – e muitas pessoas misturam características de religiões da matriz cultural indígena. Como o Gabão foi colonizado pelos franceses, a língua oficial do país é o francê, mas também é ensinado nas escolas o idioma Fang.

Desde quando o país não é mais uma colônia francesa, o governo só foi comandado por três presidentes. Omar Bongo ocupou o posto por mais de quatro décadas e só o deixou, pois morreu em 2009. Durante o governo do falecido, o Gabão manteve uma relação amigável com a França por meio de um sistema chamado “Francafrique", o qual funciona através de apoio político e militar em troca de favores de negócios.

Após a morte de Omar Bongo, quem assumiu o governo foi Ali Bongo, seu filho. Bongo já se encontra em seu segundo mandato, em setembro de 2016, posterior a divulgação da vitória de Bongo pelo tribunal constitucional do Gabão, Jean Ping, principal opositor do atual presidente, descreveu a decisão do tribunal como um "erro judicial" em meio a alegações de oposição de fraude eleitoral. Seu governo foi ofuscado por uma investigação francesa sobre apropriação indébita envolvendo os bens da família Bongo.

Militares anunciaram em um canal da televisão pública, no começo de janeiro de 2019, que estão planejando um golpe militar. O tenente Ondo Obiang Kelly, militar que divulgou o golpe militar, disse durante a transmissão que os militares estão descontentes com Ali Bongo, ainda mais depois do presidente ter falado sobre o derrame que teve em outubro de 2018, ele expressou que possui dúvidas sobre a habilidade de Bongo em desenvolver sua função.

Perante a atual situação, o Movimento Patriótico das Forças Jovens de Segurança e Defesa relatou que devem “assumir a sua responsabilidade para finalmente derrotar

todas as manobras em marcha para confiscar o poder", algumas interpretações levam a crer que tal fala é direcionada a quem está gerindo o governo na ausência de Bongo, os militares que realizaram o comunicado foram detidos, segundo o governo. Alguns moradores da capital de Gabão, Libreville, relatam que tanques militares e veículos armados estão a patrulhar as ruas.

António Guterres, o secretário-geral das Nações Unidas, condenou a atitude dos militares, opondo-se a qualquer forma de transformações no poder por métodos inconstitucionais.

República Centro Africana

A República Centro Africana é um país localizado no centro da África, sua capital é Bangui e sua população é aproximadamente 6 milhões de habitantes, seu sistema de governo é presidencialista, e seu chefe de Estado é Faustin-Archange Touadera, que continua a trabalhar pela paz entre o governo e os grupos armados, que provocaram uma grave situação no país, a Guerra Civil da RCA, e está desenvolvendo um programa de desarmamento, desmobilização, reintegração e repatriação para reintegrar esses grupos à sociedade.

É uma antiga colônia francesa de Ubangi-Shari tornou-se a República Centro-Africana após a independência em 1960. Depois de três tumultuadas décadas de desordem - principalmente por governos militares - o governo civil foi estabelecido em 1993, mas durou apenas uma década. Em março de 2003, o presidente Ange-Felix Patasse foi deposto em um golpe militar liderado pelo general François Bozize, que estabeleceu um governo de transição. As eleições realizadas em 2005 afirmaram o General Bozize como presidente; ele foi reeleito em 2011 em votação amplamente visto como fraudulenta. O governo ainda não tem controle total do campo, onde a ilegalidade persiste. Vários grupos rebeldes se uniram no início de dezembro de 2012 para lançar uma série de ataques que os deixaram no controle

de inúmeras cidades nas partes norte e central do país. Os rebeldes, descontentes com governo de Bozize, participaram de conversações de paz no início de janeiro de 2013, que resultou em um governo de coalizão, incluindo a liderança da rebelião. Em março de 2013, o governo de coalizão se dissolveu, os rebeldes tomaram a capital e o presidente Bozize fugiu do país. A guerra colocou cristãos e muçulmanos em lados opostos, e motivou massacres provocados por facções contra a população de religião diferente, as milícias ainda têm presença ativa no país.

O líder rebelde Michel Djotodia assumiu a presidência e no mês seguinte estabeleceu um Conselho Nacional de Transição (CNT). Em janeiro de 2014, a CNT elegeu Catherine Sampa-Panza como presidente interina. Eleições concluídas em março de 2016 instalou o candidato independente Faustin-Archange Touadera como presidente.

República Democrática do Congo

A República Democrática do Congo é um país localizado na África equatorial, sua população é de 81,5 milhões de habitantes, seu sistema de governo é presidencialista e seu presidente é Joseph Kabila, sua capital é Kinshasa.

A RDC foi o local do maior no mundo depois do fim da Segunda Guerra Mundial, a riqueza mineral do país provocou uma disputa sangrenta pelo solo, e diversos vizinhos estiveram envolvidos no confronto que matou mais de 6 milhões de vidas. Após diversos esforços pela paz e o desgaste das relações dos aliados na guerra o confronto foi encerrado, mas deixou diversas sequelas para o país. No leste congolês há dezenas de milícias que planejam derrubar o governo central, elas são alimentadas pela disputa étnica entre Tutsis e Hutus, que atingiu também a RDC após o genocídio em Ruanda, e provocou a Guerra do Congo, elas causam pequenos conflitos que desestabilizaram o país na década de 2010, e a situação

persiste até os dias atuais, e é nesta região que se concentra as ações das Nações Unidas.

Uma raiz profunda deixada na sociedade congolesa pelo grande conflito, é a Criança-Soldado. Estima-se que na África haja mais de 100 mil crianças nestas situações, elas são recrutadas com menos de 10 anos, e ocorre após elas testemunharem as mortes de seus pais e seus parentes, e posteriormente o grupo assassino levam-nas para um processo de treinamento para a guerra. Atualmente, há um relativo progresso no combate dessa forma brutal de alistamento infantil, centenas de crianças estão sendo reinseridas na sociedade às quais pertencem.

Em novembro de 2011, os resultados contestados permitiram que Joseph Kaliba fosse reeleito para a presidência. A Constituição da RDC proíbe que o Presidente Kaliba possa concorrer a um terceiro mandato, mas o Governo da RDC adiou as eleições nacionais, originalmente previstas para novembro de 2016, até dezembro de 2018. A incapacidade de realizar eleições como previsto alimentou protestos de rua esporádicos dos adversários de Kaliba e exacerbou tensões nas regiões tumultuosas do leste da RDC.

8.1.5. África Austral

Mapa da África Central

Fonte: Dreamstime

África do Sul

Conhecida como berço da humanidade, a República da África do Sul é um dos países mais avançados em questões econômicas e de desenvolvimento no continente africano, possuindo três capitais, sendo cada uma para cada poder político: sendo Bloemfontein, Cidade do Cabo e Pretória, com os poderes judiciário, legislativo e executivo, respectivamente. Até 1994 foi governada por um governo de

minoria branca - histórico que vem desde o século XVII, uma vez que holandeses e britânicos possuíam controle sobre o Estado devido ao grande estoque de ouro e diamante no território. Além disso, é demonstrado o controle britânico através dos séculos na presença da língua inglesa como uma das principais faladas no país. A Cidade do Cabo possui grande influência histórica, devido ao fato de que era o palco da chegada da Companhia das Índias Holandesas em 1652 – todavia, não era a primeira vez que europeus passavam por ali. Já no século XV, Vasco da Gama descobria uma rota para a Índia passando pelo Cabo. Com o fim da Companhia Holandesa, os britânicos estabeleceram território próximo às margens do rio Great Fish. Com isso, os colonizadores britânicos viviam em péssimas condições e necessitavam pagar impostos para permanecer no local. Com as mudanças de perspectiva graças à Revolução Industrial, o trabalho escravo foi banido em 1834, gerando uma resposta dos colonizadores: irem além dos domínios britânicos para continuar com o controle dos escravos. Após extensas batalhas de poder e território, Boers (descendentes de fazendeiros holandeses) e britânicos se conciliaram e, em 1910, a União da África do Sul foi proclamada. Proibidos de saírem das fazendas dos brancos devido às Land Acts, os negros não podiam votar, levando o Partido Nacional a ganhar a corrida eleitoral e, de 1948 até 1994, o partido controlou as eleições. Durante esses anos, sofreu com o regime autoritário Apartheid (separação em africânder) cujo separava a minoria branca da população negra. A Terceira Eleição Democrática, em 2004, teve como vencedora o Congresso Nacional Africano (CNA), com uma avassaladora maioria de 69,68% dos votos. Em um discurso inspirador, o Presidente Mbeki garantiu esforço nacional para o avanço conjunto do país - e, desde então, a África do Sul vem atravessando crises de corrupção - porém, investe em migração de indivíduos de países vizinhos que correm risco de vida diariamente devido a legislações homofóbicas que colocam a vida de milhões de pessoas em risco, além de estar progredindo em outras questões sociais e políticas - entretanto, esses imigrantes sofrem constantemente com

ataques xenofóbicos do próprio povo sul-africano, além de possuírem dificuldades na busca por emprego no mercado de trabalho.

Botswana

A República de Botswana é um exemplo a ser seguido pelas demais nações africanas – o país possui índices surpreendentes de combate à corrupção e possui uma variedade de partidos políticos democráticos. Economicamente, o país também está em boas condições: é o maior produtor de diamantes do mundo, além de utilizar da biodiversidade local – o país se localiza no Deserto de Kalahari, que possui como bioma a Savana – para o uso de turismo em Safaris, atraindo viajantes ao redor do globo. Esses dois pilares, juntamente com a agropecuária e agricultura são responsáveis pela maior parte do lucro da nação. Historicamente falando, 50 anos atrás o país era como um deserto sem esperança - possuía apenas 12 quilômetros de estradas asfaltadas e sofria com crises no setor de plantio. Atualmente, possui imensos arranha-céus e uma mobilidade urbana em sua capital, Gaborone, impecável. Com uso de recursos inteligentes a partir de seus líderes, o país aumentou em 100 vezes a renda per capita em cinco décadas - hoje, apenas 1 a cada 5 habitantes é carente, correspondendo a cerca de 400.000 habitantes do seu total de 2 milhões. Entretanto, o desemprego no país é alarmante, além da frequente ameaça de AIDS que ronda diversos países da África, além do risco de a economia ser focada em poucas frontes – uma baseada em um minério não renovável e o ecoturismo, que pode sofrer interferências devido a crises internacionais. Ademais, o Partido Democrático de Botswana, que está presente no governo desde a independência, vem sofrendo fortes críticas dos opositores devido ao uso da constituição imposta pelo Reino Unido desde a década de 60 e a pressão em cima de jornalistas que investigam casos de corrupção do governo botsuano.

8.2. Organizações observadoras

Al Khatim Adlan Centre for Enlightenment and Human Development (KACE)-ONG

O Centro Al Khatim Adlan para o Desenvolvimento da Luz e do Desenvolvimento Humano desenvolve um trabalho mais focado no Sudão. Ele foi criado a partir do anseio de combater a “Idade das Trevas do Sudão”, isto é, ele age em prol, principalmente, dos direitos humanos, sempre buscando a paz/equilíbrio na vida sudanesa. Mas também pode-se evidenciar a atuação da KACE na República Democrática do Congo, República Centro Africana, Mali, NIgéria, Somália e Burundi.

A KACE teve sucesso em colocar questões tabus como racismo institucionalizado, atrocidades genocidas e o papel da classe dominante, no centro do palco dos debates nacionais. A metodologia da ONG é desenvolvida através de uma construção da paz local, a organização por meio do Peace Insight auxilia organizações locais e em conjunto com elas organiza workshops e conferências de construção da paz em todo o mundo.

Anistia Internacional

Com mais de 7 milhões de colaboradores por todo o mundo, a Anistia Internacional realiza ações e campanhas para que os direitos humanos internacionalmente reconhecidos sejam respeitados e protegidos. A organização não visa somente proteger as pessoas que estão sendo atingidas pelos problemas, mas também os indivíduos ou grupos que denunciam as atrocidades que ocorrem, afinal defender direitos também é um direito.

A metodologia da Anistia envolve principalmente o Secretariado Geral que, por intermédio do Departamento de Investigação, recolhe dados sobre situações que podem gerar algum mal ou interferir nos direitos humanos e se for necessário envia equipes de apoio para averiguar julgamentos ou para investigação. Todas as ações

da organização visam a imparcialidade, exceto no trabalho de divulgação ativa dos direitos humanos, a luta contra a pena de morte ou a proteção dos refugiados objeto de perseguição política nos seus países de origem.

Comissão Africana de Direitos Humanos e dos Povos (CADHP)

A Carta Africana estabeleceu a Comissão Africana dos Direitos Humanos e dos Povos. A Comissão foi inaugurada a 02 de novembro de 1987 em Addis Abeba, Etiópia. O Secretariado da Comissão foi subsequentemente localizado em Banjul, Gâmbia. Para além de realizar quaisquer outras tarefas que lhe possam ser confiadas pela Assembleia dos Chefes de Estado e de Governo, a Comissão é oficialmente responsável por três funções principais:

1. A proteção dos direitos humanos e dos povos;

2. A promoção dos direitos humanos e dos povos;

3. Interpretação da Carta Africana dos Direitos Humanos e dos Povos.

A Comissão é composta por 11 membros eleitos pela Assembleia da UA de peritos nomeados pelos Estados-Parte da Carta. A Assembleia tem em conta uma representação geográfica equitativa e de género na eleição dos membros da Comissão. Os membros da Comissão são eleitos para um mandato de seis anos e podem ser reeleitos. Uma vez eleitos, os comissários atuam na sua capacidade pessoal e não como representantes dos seus respectivos países. Anteriormente, alguns membros da Comissão tiveram altos cargos políticos a nível nacional, o que afeta a independência da Comissão. A UA em abril de 2005 emitiu uma nota verbal aos Estados-Membros prescrevendo orientações para a nomeação de membros para a Comissão, que excluía os altos funcionários e representantes diplomáticos. A comissão tem vários mecanismos especiais na forma de relatores especiais, grupos de trabalho ou comitês que investigam e informam sobre questões específicas de

direitos humanos. Existem seis relatores especiais que monitoram, investigam e relatam alegações de violações nos Estados membros da União Africana.

Comité International De La Croix-Rouge (CICR)

Visando proteger a vida e a dignidade das vítimas de conflitos armados e outras situações de violência, o Comité International De La Croix-Rouge foi fundado em 1863. A partir do CICR que as Convenções de Genebra e o Movimento Internacional da Cruz Vermelha e o Crescente Vermelho se originaram.

As ações da CICR são regidas por sete fundamentos humanidade, imparcialidade, neutralidade, independência, serviço voluntário, exclusividade e universalidade. A neutralidade pode ser observada nos conflitos que a organização atua, uma vez que quando um combatente é ferido, não há mais inimigos, no entanto esse ponto é difícil devido à questões conscientes ou inconscientes.

Humans Right Watch

A Humans Right Watch realiza seu trabalho através do "The Watch Committes", o qual se trata de uma sede da ONG focada em cada região do globo terrestre. A organização foi fundada em 1978 com a Helsinki Watch durante a Guerra Fria, as ações nesse período eram voltadas para a assistência aos cidadãos que habitavam o bloco soviético, os abusos feitos pelo governo eram denunciados na mídia e em diálogos com formuladores de políticas. A África Watch começou suas atividades em 1988.

Além de denunciar as atrocidades que ocorrem durante períodos conturbados da humanidade, a Humans Right Watch armazena dados relevantes para pressionar por responsabilização criminal no âmbito internacional. Como pode ser visto durante

os julgamentos internacionais de Ruanda e no julgamento de ditadores que cometeram graves abusos, como Hissène Habré, do Chade.

Diante do contexto mundial contemporâneo, a Humans Right Watch está em constante evolução, pois busca “cada vez mais aplicar sua metodologia de pesquisa aos direitos econômicos, sociais e culturais, principalmente nas áreas de educação e habitação”.

Pan African Lawyers Union (PALU)

A organização Pan African Lawyers Union é dividida em três âmbitos: Assembleia Geral, Conselho e Comitê Executivo, o qual foi desenvolvido para facilitar o engajamento de outros advogados. A equipe da PALU é constituída por advogados, profissionais e instituições de várias áreas de prática legal e profissionais que são adeptos da visão da associação, a qual é definida por “Nossa visão é ver uma África unida, justa e próspera, construída sobre o estado de direito e boa governança.”

O órgão PALU é reconhecido pela União Africana, sendo um dos colaboradores e assessores da UA. Ademais, o PALU atua com diversos atores governamentais e não governamentais para alcançar metas e objetivos compartilhados, os quais são promover a lei e a profissão jurídica, o estado de direito, a boa governança, os direitos humanos e dos povos e o desenvolvimento socioeconômico do continente africano.

9.Conclusão

O comitê União Africana estima que as discussões que ocorrerão durante os dias de simulação sejam proveitosas para o enriquecimento do conhecimento dos senhores delegados acerca das problemáticas que permeiam os conflitos africanos, ademais, que os argumentos e resoluções propostas possuam um bom embasamento e

eficácia, uma vez que eles podem agregar a vida dos senhores de forma positiva. Pedimos que atuem de modo condizente ao decorrer das sessões do JWONU, isso é, abordem os assuntos segundo a política externa de seu país ou organização. Portanto, é de extrema relevância que haja um engajamento da parte de todos visando um debate coerente, sólido e proficiente, em que os indivíduos do comitê sejam beneficiados de maneira mútua.

Uma ótima simulação,

Diretores de Mesa.

10.Filmes,séries e livros recomendados

12 anos de escravidão

“1841. Solomon Northup (Chiwetel Ejiofor) é um escravo liberto, que vive em paz ao lado da esposa e filhos. Um dia, após aceitar um trabalho que o leva a outra cidade, ele é sequestrado e acorrentado. Vendido como se fosse um escravo, Solomon precisa superar humilhações físicas e emocionais para sobreviver. Ao longo de doze anos ele passa por dois senhores, Ford (Benedict Cumberbatch) e Edwin Epps (Michael Fassbender), que, cada um à sua maneira, exploram seus serviços.” (Sinopse AdoroCinema)

Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=AQNiAchT4jU

Black Panther

O filme “Black Panther” - Pantera Negra, em português - representa o país fictício Wakanda em uma realidade paralela em que um minério chamado Vibranium, que possui capacidades inimagináveis para o mundo real, é abundante no território do país - com isso, o avanço tecno-científico ultrapassa limites estabelecidos ao redor

do planeta. Sendo liderado por T'Challa (Chadwick Boseman), a produção da Marvel Studios explora a cultura africana incrivelmente, de modo a trazer hábitos e costumes da população para o grande público de modo triunfal, tendo levado 3 Oscars para o estúdio.

Trailer disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=wL4a4MafSjQ&t=4s

Coleção História Geral da África

Apresentação da história da África de forma panorâmica, diacrônica e objetiva, obtida de dentro do continente através das palavras de mais de 350 especialistas das mais variadas áreas do conhecimento, sob a direção de um Comitê Científico Internacional formado por 39 intelectuais, dos quais dois terços eram africanos.

Disponível em: http://www.unesco.org/new/pt/brasilia/about-this-office/single-view/news/general_history_of_africa_collection_in_portuguese_pdf_only/

Dear White People

A série "Cara Gente Branca" narra a história de um grupo de estudantes negros da Universidade de Winchester, a qual participa da Ivy League. É comum as universidades da ivy League terem, predominantemente, estudantes brancos. Através de ironia, auto depreciação, honestidade brutal e humor são abordados assuntos que ainda assolam a vida das pessoas negras, como preconceito cultural, injustiça social, ativismo mal orientado e política escorregadia.

O filme que inspirou a história pode ser encontrado no youtube: https://www.youtube.com/watch?v=fSFnbFQgDQ4

Disponível em: Netflix

Hotel Ruanda

“Em 1994 um conflito político em Ruanda levou à morte de quase um milhão de pessoas em apenas cem dias. Sem apoio dos demais países, os ruandenses tiveram que buscar saídas em seu próprio cotidiano para sobreviver. Uma delas foi oferecida por Paul Rusesabagina (Don Cheadle), que era gerente do hotel Milles Collines, localizado na capital do país. Contando apenas com sua coragem, Paul abrigou no hotel mais de 1200 pessoas durante o conflito.” (Sinopse AdoroCinema)

Trailer disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=3wf8prFBpIM

Mayombe

“Escrito no período em que Pepetela participou da guerra pela libertação de seu país, Mayombe é uma narrativa que mergulha fundo na organização dos combatentes do Movimento Popular da Libertação de Angola (MPLA), trazendo à tona seus questionamentos, contradições, medos e convicções. Os bravos guerrilheiros que lutam no interior da densa floresta tropical confrontam-se não somente com as tropas portuguesas, mas também com as diferenças culturais e sociais que buscam superar em direção a uma Angola unificada e livre.

Disponível em pdf:
https://farofafilosofica.files.wordpress.com/2016/10/mayombe-livro-pepetela.pdf

The danger of a single story

“Nossas vidas, nossas culturas, são compostas de muitas histórias sobrepostas. A romancista Chimamanda Adichie conta a história de como ela encontrou sua

autêntica voz cultural - e adverte que, se ouvirmos apenas uma única história sobre outra pessoa ou país, corremos o risco de um mal-entendido crítico.”

Disponível em: https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=en#t-23933

11.Referências Bibliográficas

"ÁFRICA" EM SÓ GEOGRAFIA. VIRTUOUS TECNOLOGIA DA INFORMA 2007-2019. SÓ GEOGRAFIA. Disponível <http://www.sogeografia.com.br/Conteudos/Continentes/Africa/> Acesso em 2018.

ABSORÇÃO DO EX-PRESIDENTE MARFINENSE LAURENT GBAGBO. NAÇÕES UNIDAS. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2019/01/1655332> Acesso em: 25 jan. 2019

ABUSO DE PODER E A CONSEQUÊNCIA PARA A JUVENTUDE. NAÇÕES UNIDAS. Disponível em: <https://news.un.org/en/story/2017/09/564472-marginalization-perceived-abuse-power-pushing-africas-youth-extremism-un-study> Acesso em: 23 jan. 2019

ÁFRICA: ARGÉLIA. CIA. Disponível em: <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/ag.html> Acesso em 03 fev. 2019.

ÁFRICA: BURUNDI. CIA. Disponível em: <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/by.html> Acesso em: 03 fev. 2019.

ÁFRICA: CHADE. CIA Disponível em: <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/cd.html> Acesso em: 14 jan. 2019.

ÁFRICA: EGITO. CIA. Disponível em: <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/eg.html> Acesso em: 03 fev. 2019.

ÁFRICA: ERITRÉIA. CIA. Disponível em: <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/er.html> Acesso em: 03 fev. 2019.

ÁFRICA: LÍBIA. CIA. Disponível em: <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/ly.html> Acesso em: 03 fev. 2019.

ÁFRICA: MOÇAMBIQUE. CIA. Disponível em: <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/mz.html> Acesso em: 03 fev. 2019.

ÁFRICA: NÍGER. Disponível em: < https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/gv.html> Acesso em: 15 jan. 2019.

ÁFRICA: REPÚBLICA CENTRO-AFRICANA. CIA. Disponível em: <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/ct.html> Acesso em: 03 fev. 2019.

ÁFRICA: REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO CONGO CIA. Disponível em: <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/cg.html> Acesso em: 03 fev. 2019.

ÁFRICA: SOMÁLIA. CIA. Disponível em: <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/so.html> Acesso em: 03 fev. 2019.

ÁFRICA: SUDÃO DO SUL. CIA. Disponível em: <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/od.html> Acesso em: 03 fev. 2019.

ÁFRICA: SUDÃO. CIA. Disponível em: <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/su.html> Acesso em: 03 fev. 2019.

ÁFRICA: TUNÍSIA. Disponível em:<https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/ts.html> Acesso em: 15 jan. 2019.

ÁFRICA: GUINÉ. Disponível em: < https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/gv.html> Acesso em:15 jan. 2019.

ANISTIA. ANISTIA INTERNACIONAL. Disponível em: <https://anistia.org.br/?no-high> Acesso em: 16 jan. 2019

APARTHEID. TOUGHTCO. Disponível em: <https://www.thoughtco.com/apartheid-101-overview-43438> Acesso em: 22 dez. 2018.

]

ARCOVERDE, LÉO - CRIMES DE RACISMO E INJÚRIA RACIAL CRESCEM 29% EM SÃO PAULO EM 2018 – 2018 – G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2018/07/27/crimes-de-racismo-e-injuria-racial-crescem-29-em-sao-paulo-em-2018.ghtml> Acesso em 14 jan. 2019.

ARGÉLIA: EVENTOS DE 2018. HUMAN RIGHTS WATCH. Disponível em: <https://www.hrw.org/world-report/2019/country-chapters/algeria> Acesso em 03 fev. 2019.

ARGÉLIA: PERFIL DO PAÍS. BBC NEWS. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-africa-14118852> Acesso em 03 fev. 2019.

ATAQUES AMERICANOS MATAM 62 TERRORISTAS DO AL SHABAB NA SOMÁLIA. VEJA. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/mundo/ataques-americanos-matam-62-terroristas-do-al-shabab-na-somalia/> Acesso em 23 dez. 2018.

BABIC. N.; CANEPA. B. ÁFRICA: TERRA, SOCIEDADE E CONFLITOS. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2012

BARATA, CLARA. DIAMANTES DE SANGUE SÃO SÓ OS DE UMA ZONA DE GUERRA OU TAMBÉM OS DE UM ESTADO CORRUPTO? Disponível em: <https://www.publico.pt/2013/11/22/mundo/noticia/diamantes-de-sangue-uma-historia-que-cresce-1613521> Acesso em 20 fev. 2019.

BEZERRA, JULIANA. RELATIVISMO CULTURAL. TODA MATÉRIA. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/relativismo-cultural/> Acesso em 13 dez. 2018.

BOKO HARAM NA NIGÉRIA. GLOBAL CONFLICT TRAKER. Disponível em: <https://www.cfr.org/interactives/global-conflict-tracker?cid=ppc-Google-grant-conflict_tracker-031116&gclid=CjwKEAiAj7TCBRCp2Z22uezrj4SJACG7SBEH9uE_raTezcIufDr28x3vGe1FFIO2Y7kt4ui1PzWKxoCO5Tw_wcB#!/conflict/boko-haram-in-nigeria> Acesso em: 22 jan. 2019.

BOKO HARAM. BRASIL ESCOLA. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/geografia/boko-haram.htm> Acesso em: 22 jan. 2019.

BOKO HARAM: FATOS RÁPIDOS. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2014/06/09/world/boko-haram-fast-facts/index.html> Acesso em: 22 jan. 2019.

BURUNDI: EVENTOS DE 2018. HUMAN RIGHTS WATCH. Disponível em: <https://www.hrw.org/world-report/2019/country-chapters/burundi> Acesso em: 02 fev. 2019.

BURUNDI: PERFIL DO PAÍS. BBC NEWS. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-africa-13085064> Acesso em: 03 fev. 2019.

CARDOSO, LUISA. INVASÃO ITALIANA NA ETIÓPIA. INFOESCOLA. Disponível em:

<https://www.infoescola.com/historia/invasao-italiana-na-etiopia/> Acesso em 27 jan. 2018.

CARNEIRO, LUCIANNE. NIGÉRIA É A MAIOR ECONOMIA DA ÁFRICA, MAS VIVE CAOS SOCIAL. O GLOBO. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/nigeria-a-maior-economia-da-africa-mas-vive-caos-social-12521128> Acesso em 17 dez. 2018.

CENTRO AL KHATIM ADLAN DE ILUMINAÇÃO E DESENVOLVIMENTO HUMANO. Disponível em:<https://www.peaceinsight.org/conflicts/sudan/peacebuildinorganisations/kace/>Acesso em: 15 jan. 2019

CINCO FATOS SOBRE AL-SHABAAB. O GLOBO. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/cinco-fatos-sobre-al-shabaab-15765477> Acesso em 13 dez. 2018.

COLONIALISMO, RACISMO E MORTE. GELEDES. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/africa-colonialismo-racismo-e-morte/> Acesso em: 22 dez. 2018

COMITE INTERNACIONAL DA CRUZ VERMELHA. COMITE INTERNACIONAL DA CRUZ VERMELHA> Disponível em: <https://www.icrc.org/fr/qui-nous-sommes> Acesso em: 16 jan. 2019

COMO LIDAR COM REGIMES AUTORITÁRIOS NA ÁFRICA. DEUTSCH WELLE. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-002/como-lidar-com-regimes-autorit%C3%A1rios-em-%C3%A1frica/a-35955150> Acesso em: 23 jan. 2019

CONFLITO RELIGIOSO: DEFINIÇÕES, PROBLEMAS E ABORDAGENS TEÓRICAS.ACADEMIA EDU. Disponível em:<https://www.academia.edu/5701344/Religious_conflict_Definitions_problems_and_theoretical_approaches> Acesso em: 26 dez. 2019

CONFLITO: PORTUGAL TENTA ACABAR COM ‘’GUERRA ESQUECIDA’’ NA REPÚBLICA CENTRO AFRICANA. JORNAL ECONÓMICO. Disponível em: <https://jornaleconomico.sapo.pt/noticias/conflito-portugal-tenta-acabar-com-a-guerra-esquecida-na-republica-centro-africana-327494> Acesso em: 21 jan. 2019.

CONFLITOS RELIGIOSOS EM ASCENÇÃO NA ÁFRICA. DEUTSCH WELLE. Disponível em: <https://www.dw.com/en/religious-conflicts-on-the-rise-in-africa/a-40645771> Acesso em: 24 JAN. 2019.

CRISE POLÍTICA NO BURUNDI. GLOBAL CONFLICT TRACKER. Disponível em:

<https://www.cfr.org/interactives/global-conflict-tracker#!/conflict/political-crisis-in-burundi> Acesso em: 02 jan. 2019.

DESATABILIZAÇÃO EM MALI. GLOBAL CONFLICT TRACKER. Disponível em: <https://www.cfr.org/interactives/global-conflict-tracker#/conflict/destabilization-of-mali> Acesso em: 23 jan. 2019.

DIAMANTES DE SANGUE. ISTOÉ. Disponível em: <https://istoe.com.br/95136_DIAMANTES+DE+SANGUE/> Acesso em: 20 fev. 2019.

DUDLEY, DOMINIC. OS GRUPOS TERRORISTAS QUE MAIS MATAM NO MUNDO ATUALMENTE. – FORBES BRASIL. Disponível em: <https://forbes.uol.com.br/colunas/2018/12/os-grupos-terroristas-que-mais-matam-no-mundo-atualmente/> Acesso em 14 dez. 2018.

EGITO: EVENTOS DE 2018. HUMAN RIGHTS WATCH. Disponível em: <https://www.hrw.org/world-report/2019/country-chapters/egypt> Acesso em: 03 fev. 2019.

EGITO: PERFIL DO PAÍS. BBC NEWS. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-africa-13313370> Acesso em: 03 fev. 2019.

ENTENDA O GENOCÍDIO DE RUANDA DE 1994: 800 MIL MORTES EM CEM DIAS. BBC BRASIL. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/04/140407_ruanda_genocidio_ms> Acesso em: 7 dez. 2018.

ERITRÉIA: EVENTOS DE 2018. HUMAN RIGHTS WATCH. Disponível em: <https://www.hrw.org/world-report/2019/country-chapters/eritrea#ada87c> Acesso em: 23 jan. 2019.

ERITRÉIA: PERFIL DO PAÍS. BBC NEWS. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-africa-13349078> Acesso em: 03 fev. 2019.

FRANÇA RETIRA SUAS TROPAS DA REPÚBLICA CENTRO AFRICANA. RFI. Disponível em: <http://br.rfi.fr/franca/20161030-franca-retira-suas-tropas-da-republica-centro-africana> Acesso em: 21 jan. 2019.

FRANCISCO, WAGNER DE CERQUERIA E. "GANA ". BRASIL ESCOLA. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/geografia/gana.htm> Acesso em 7 dez. 2018.

FRANCISCO, WAGNER DE CERQUERIA E. "SERRA LEOA ". BRASIL ESCOLA. Disponível em:

<https://brasilescola.uol.com.br/geografia/serra-leoa.html> Acesso em 20 fev. 2019.

FREITAS, EDUARDO DE. NIGÉRIA. BRASIL ESCOLA. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/geografia/nigeria.html> Acesso em 17 dez. 2018.

GALVÃO, RENATA. ÁFRICA DO SUL VIRA PRINCIPAL REFÚGIO PARA GAYS PERSEGUIDOS NO CONTINENTE – BBC NEWS BRASIL. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/04/140314_homossexuais_africa_rg_lk> Acesso em 17 jan. 2019

GUERRA CIVIL NA LIBÉRIA JÁ DURA 20 ANOS. BBC BRASIL. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/030611_liberia2mp.shtml> Acesso em 27 dez. 2018.

GUERRA CIVIL NA LÍBIA. GLOBAL CONFLICT TRACKER. Disponível em: <https://www.cfr.org/interactives/global-conflict-tracker#!/conflict/civil-war-in-libya> Acesso em: 02 fev. 2019.

GUERRA CIVIL NO SUDÃO DO SUL. GLOBAL CONFLICT TRACKER. Disponível em: <https://www.cfr.org/interactives/global-conflict-tracker#!/conflict/civil-war-in-south-sudan> Acesso em: 25 jan. 2019.

GUERRA DO CONGO. TODA MATÉRIA. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/guerra-do-congo/> Acesso em: 27 jan. 2019.

GUERRA ESQUECIDA NA REPÚBLICA CENTRO-AFRICANA. DEUTSCH WELLE Disponível em: <https://www.dw.com/pt-002/guerra-esquecida-na-rep%C3%BAblica-centro-africana/a-38668583>. Acesso em: 21 jan. 2019.

GUERRA ESQUECIDA: CONFLITO NA RD CONGO É PIOR QUE NA 'SÍRIA, IÊMEM E IRAQUE'. SPUTNIK NEWS. Disponível em: <https://br.sputniknews.com/oriente_medio_africa/2017120710020333-republica-democratica-congo-conflito-guerra/> Acesso em: 27 jan. 2019.

GUERRA TRIBAL E CONFLITO "ÉTNICO". CULTURAL SURVIVAL. Disponível em: <https://www.culturalsurvival.org/publications/cultural-survival-quarterly/tribal-warfare-and-ethnic-conflict> Acesso em: 26 dez. 2019

HEDLER, HENRIQUE. ENTÃO TABOM: COMUNIDADE DE EX-ESCRAVOS RETORNADOS A GANA MANTÊM TRADIÇÕES DO BRASIL DO SÉCULO 19. Disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/portfolio/2018/08/tabom-comunidade-escravos-gana-africa-brasil-lingua> Acesso em 7 dez. 2018.

HENRIQUES, LILIANA. 40 ANOS DA MORTE DE HAILÉ SÉLASSIÉ, ÚLTIMO IMPERADOR DA ETIÓPIA. RFI. Disponível em: <http://pt.rfi.fr/africa/20150827-haile-selassie-ultimo-imperador-da-etiopia> Acesso em 17 dez. 2018.

HISTÓRIA DA ÁFRICA DO SUL. EMBAIXADA DA REPÚBLICA DA ÁFRICA DO SUL. Disponível em: <https://www.africadosul.org.br/historia> Acesso em 5 jan. 2018.

HISTÓRIA E CULTURA AFRICANA. THOUGHTCO. Disponível em: <https://www.thoughtco.com/african-history-4133338> Acesso em: 17 dez. 2018

HUMAN RIGHTS WATCH. HUMAN RIHTS WATCH. Disponível em: <https://www.hrw.org/pt> Acesso em: 15 jan. 2019

INSTABILIDADE NO EGITO. GLOBAL CONFLICT TRACKER. Disponível em: <https://www.cfr.org/interactives/global-conflict-tracker#!/conflict/instability-in-egypt> Acesso em: 23 jan. 2019.

LÉSBICAS E GAYS AFRICANOS VÃO CONTAR COM ASSOCIAÇÃO PRÓPRIA. DEZANOVE. Disponível em: <https://dezanove.blogs.sapo.pt/lesbicas-e-gays-africanos-lgbt-vao-782873> Acesso em 6 jan. 2019

LÍBIA: EVENTOS DE 2018. HUMAN RIGHTS WATCH. Disponível em: <https://www.hrw.org/world-report/2018/country-chapters/libya> Acesso em: 24 jan. 2019.

LÍBIA: PERFIL DO PAÍS. BBC NEWS. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-africa-13754897> Acesso em: 03 fev. 2019.

LÍBIA: EVENTOS EM 2018. HUMAN RIGHTS WATCH. Disponível em: <https://www.hrw.org/world-report/2019/country-chapters/libya> Acesso em: 03 fev. 2019.

LUSA. ENI FAZ DESCOBERTA DE PETRÓLEO EM ANGOLA COM POTENCIAL DE 200 MILHÕES DE BARRIS. JORNAL DE NEGÓCIOS. Disponível em: <https://www.jornaldenegocios.pt/economia/mundo/africa/angola/detalhe/eni-faz-des

coberta-de-petroleo-em-angola-com-potencial-de-200-milhoes-de-barris> Acesso em 5 jan. 2019.

MALI: EVENTOS EM 2018. HUMAN RIGHTS WATCH. Disponível em: <https://www.hrw.org/world-report/2019/country-chapters/mali#fd9013> Acesso em: 23 jan. 2019.

MAPA SIMPLIFICADO DAS RELIGIÕES AFRICANAS. MUNDO GEOGRÁFICO. Disponível em: <http://mundogeografico.com.br/mapa-simplificado-das-religioes-africanas/>. Acesso em: 18 jan. 2019.

MAURITÂNIA. SUA PESQUISA. Disponível em: <https://www.suapesquisa.com/paises/mauritania/> Acesso em 7 dec. 2018.

MDINDILE ISAACK. ÁFRICA HISTÓRIA DO CRISTIANISMO. Revista Missões. Disponível em: <http://www.revistamissoes.org.br/2016/05/africa-historia-do-cristianismo/> Acesso em 28 dez. 2018.

MENAI, TÂNIA. A RETIRADA DO CLITÓRIS É COMUM NA ÁFRICA. SUPERINTERESSANTE ABRIL. Disponível em: <https://super.abril.com.br/saude/a-retirada-do-clitoris-e-comum-na-africa/> Acesso em 14 jan. 2018.

MERCADO DE ESCRAVOS. GELEDES. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/mercado-de-escravos/> Acesso em: 17 jan. 2019

MINUSMA. NAÇÕES UNIDAS. Disponível em:<https://peacekeeping.un.org/en/mission/minusma> Acesso em: 23 jan. 2019.

MOÇAMBIQUE: EVENTOS EM 2018.HUMAN RIGHTS WATCH. Disponível em: <https://www.hrw.org/world-report/2019/country-chapters/mozambique> Acesso em: 23 jan. 2019.

MOÇAMBIQUE: PERFIL DO PAÍS. BBC NEWS. Disponível em: <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/mz.html> Acesso em: 03 fev. 2019.

MOCÍMBOA DA PRAIA: PROBLEMAS COM ATAQUES CONTROLADO? DEUTSCH WELLE. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-002/moc%C3%ADmboa-da-praia-problema-com-ataques-controlado/a-43724524> Acesso em: 23 jan. 2019.

MONUSCO. NAÇÕES UNIDAS. Disponível em: <https://peacekeeping.un.org/en/mission/monusco> Acesso em: 27 jan. 2019.

MORA, EDWIN. CHRISTIAN GROUP: BOKO HARAM RAZED AT LEAST 1,125 CHURCHES SINCE 2009 – BREITBART. Disponível em: <https://www.breitbart.com/national-security/2019/01/23/christian-group-boko-haram-razed-at-least-1125-churches-since-2009/> Acesso em 14 dez. 2018.

MURRAY, J. África: O despertar de um continente. Brasil: Gráfica Estrella, 2007

NIGÉRIA: EVENTOS DE 2018. HUMAN RIGHTS WATCH. Disponível em: <https://www.hrw.org/world-report/2019/country-chapters/nigeria> Acesso em: 22 jan. 2019.

O COLORISMO E SUAS BASES HISTÓRICAS DISCRIMINATÓRIAS. UNIFACS. Disponível em:

<https://revistas.unifacs.br/index.php/redu/article/viewFile/4760/3121> Acesso em: 14 jan. 2019

O CONFLITO DE DARFUR. CONFLITOS. Disponível em: <https://sudaoesudaodosul.blogspot.com/2016/08/o-conflito-em-darfur.html> Acesso em: 25 jan. 2019.

O QUE É JIHADISMO. BBC BRASIL. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/12/141211_jihadismo_entenda_cc> Acesso em 13 dez. 2018.

O QUE É, COMO SURGIU E O QUE PROPÕE O BOKO HARAM. ESTUDO PRÁTICO. Disponível em: <https://www.estudopratico.com.br/o-que-e-como-surgiu-e-o-que-propoe-o-boko-haram/> Acesso em: 22 jan. 2019.

OGBOONA, ANTHONY. BORNO PEOPLE'VE CONFIRMED BOKO HARAM FULLY DECIMATED. – VANGUARD. Disponível em: <https://www.vanguardngr.com/2019/01/borno-peopleve-confirmed-boko-haram-fully-decimated-buhari/> Acesso em 14 dez. 2018.

PALU.PALU. Disponível em: <https://lawyersofafrica.org/> Acesso em: 27 jan. 2019

PERFIL DO PAÍS NO GABÃO. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-africa-13376333> Acesso em: 14 jan. 2019

PIRATARIA FAZ UM FROTE RETORNO NA SOMÁLIA EM 2017. QUARTZ AFRICA. Disponível em: <https://qz.com/africa/1287522/somali-piracy-and-armed-robbery-off-the-indian-ocean-doubled-in-2017/> Acesso em: 17 de mar. 2019.

PIRATARIA NA SOMÁLIA: COMO AS POTÊNCIAS ESTRANGEIRAS ESTÃO LIDANDO COM ISSO. BBC NEWS. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-africa-46454055> Acesso em: 17 mar. 2019.

POBREZA NA NIGÉRIA NA ORIGEM DO CONFLITO DAS RELIGIÕES. DEUTSCH WELLE. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-002/pobreza-na-nig%C3%A9ria-na-origem-do-conflito-das-religi%C3%B5es/a-15635526> Acesso em: 22 jan. 2019.

PRIMAVERA ÁRABE. O GLOBO. Disponível em:<https://oglobo.globo.com/mundo/tunisia-berco-da-primavera-arabe-17733824> Acesso em: 12 mar. 2019

PRIMEIRA GUERRA CIVIL SUDANESA. ENTENTENDO CONHECIMENTOS. Disponível em: <http://estendendoconhecimentos.blogspot.com/2012/06/primeira-guerra-civil-sudanesa.html> Acesso em: 25 jan. 2019.

PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL AFRICANA. UNICURITIBA. Disponível em: <https://internacionalizese.blogspot.com/2012/06/primeira-guerra-mundial-africana-uma.html> Acesso em: 27 jan. 2019.

QUATRO PONTOS PARA ENTENDER O CONFLITO NA REPÚBLICA CENTRO AFRICANA. MÉDICOS SEM FRONTEIRAS. Disponível em: <https://www.msf.org.br/noticias/quatro-pontos-para-entender-o-conflito-na-republica-centro-africana> Acesso em: 21 jan. 2019.

QUEM É O AL-SHABAB, GRUPO ACUSADO PELO MAIOR ATAQUE DA HISTÓRIA DA SOMÁLIA, QUE MATOU QUASE 300 PESSOAS. O GLOBO. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/quem-e-o-al-shabab-grupo-acusado-pelo-maior-

ataque-da-historia-da-somalia-que-matou-quase-300-pessoas.ghtml> Acesso em 13 dez. 2018.

REFUGIADOS E REQUERENTES DE ASILO DA RDC. UNHCR. Disponível em: <https://data2.unhcr.org/en/situations/drc#_ga=2.58963812.857925651.1548612342-1521631910.1548612342> Acesso em: 27 jan. 2019.

REIS, CARLOS. ÁFRICA: TERRORISMO DE COSTA A COSTA – ALÉM-MAR. Disponível em: <https://www.alem-mar.org/cgi-bin/quickregister/scripts/redirect.cgi?redirect=EFVElZkFkyvWbWZYQX> Acesso em 14 dez. 2018.

REPÚBLICA CENTRO AFRICANA: EVENTOS DE 2018. HUMAN RIGHTS WATCH. Disponível em: <https://www.hrw.org/world-report/2019/country-chapters/central-african-republic> Acesso em: 21 jan. 2019.

REPÚBLICA CENTRO-AFRICANA: PERFIL DO PAÍS. BBC NEWS. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-africa-13150040> Acesso em: 03 fev. 2019.

REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO CONGO: EVENTOS DE 2018. HUMAN RIGHTS WATCH. Disponível em: <https://www.hrw.org/world-report/2019/country-chapters/democratic-republic-congo> Acesso em: 27 jan. 2019.

REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO CONGO: PERFIL DO PAÍS. BBC NEWS. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-africa-13283212> Acesso em: 03 fev. 2019.

RUIC, GABRIELA. O QUE LEVA JOVENS AFRICANOS AO TERRORISMO NÃO É SÓ A RELIGIÃO – EXAME BRASIL. Disponível em:

<https://exame.abril.com.br/mundo/o-que-leva-jovens-africanos-ao-terrorismo-nao-e-so-religiao/> Acesso em 14 dez. 2018.

RUIC, GABRIELA. O QUE LEVA JOVENS AFRICANOS AO TERRORISMO? NÃO É (SÓ) RELIGIÃO - EXAME BRASIL. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/mundo/o-que-leva-jovens-africanos-ao-terrorismo-nao-e-so-religiao/> Acesso em 14 dez. 2018.

SANTANA, ANA LUCIA. HEZBOLLAH. INFOESCOLA. Disponível em: <https://www.infoescola.com/historia/hezbollah/> Acesso em 8 dez. 2018.

SANTIAGO, EMERSON. ERITREIA. INFOESCOLA. Disponível em: <https://www.infoescola.com/africa/eritreia/> Acesso em 7 dez. 2018.

SANTIAGO, EMERSON. MARROCOS. INFOESCOLA. Disponível em: <https://www.infoescola.com/africa/marrocos/> Acesso em 7 dec. 2018.

SANTIAGO, EMERSON. QUÊNIA. INFOESCOLA. Disponível em: <https://www.infoescola.com/africa/quenia/> Acesso em 7 dez. 2018.

SANTIAGO, EMERSON. SHARIA. INFOESCOLA. Disponível em: <https://www.infoescola.com/islamismo/sharia/> Acesso em 8 dez. 2018.

SASSO, YARA. SERRA LEOA. COLA DA WEB. Disponível em: <https://www.coladaweb.com/geografia/paises/serra-leoa> Acesso em 20 fev. 2019.

SCHULTZ, TERI. AFRICOM: "GRUPOS TERRORISTAS" SÃO DESAFIO PARA ÁFRICA – DW BRASIL. Disponível em:

<https://www.dw.com/pt-002/africom-grupos-terroristas-são-desafio-para-áfrica/a-38903634> Acesso em 14 dez. 2018.

SEGUNDA GUERRA CIVIL SUDANESA. INFOESCOLA. Disponível em: <https://www.infoescola.com/historia/segunda-guerra-civil-sudanesa/> Acesso em: 25 jan. 2019.

SENEGAL. ESCOLA BRITANNICA. Disponível em: <https://escola.britannica.com.br/artigo/Senegal/482481> Acesso em 15 fev. 2019.

SILVEIRA, JOÃO PEDRO. ÁFRICA GAY: LUTA LGBT E PÓS-COLONIALISMO - CONJUNTURA INTERNACIONAL. Disponível em: <https://pucminasconjuntura.wordpress.com/2015/08/29/africa-gay-luta-lgbt-e-pos-colonialismo/> Acesso em 17 jan. 2019

SILVEIRA, JOÃO PEDRO. ÁFRICA LGBT: LUTA PÓS-COLONIAL E ARTE QUEER – AFREAKA. Disponível em: <http://www.afreaka.com.br/notas/africa-lgbt-luta-pos-colonial-e-arte-queer/> Acesso em 17 jan. 2019

SOBRE A CADHP. CADHP. Disponível em: <http://www.achpr.org/pt/about/> Acesso em: 03 jan. 2019

SOMÁLIA: EVENTOS EM 2018. HUMAN RIHTS WATCH. Disponível em: <https://www.hrw.org/world-report/2019/country-chapters/somalia#09bf40> Acesso em: 23 jan. 2019.

SOMÁLIA: PERFIL DO PAÍS. BBC NEWS. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-africa-14094503> Acesso em: 03 fev. 2019.

SUDÃO DO SUL: EVENTOS DE 2018. HUMAN RIGHTS WATCH. Disponível em: <https://www.hrw.org/world-report/2019/country-chapters/south-sudan> Acesso em: 25 jan. 2019.

SUDÃO DO SUL: PERFIL DO PAÍS. BBC NEWS. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-africa-14069082> Acesso em: 03 fev. 2019.

SUDÃO: EVENTOS DE 2018. HUMAN RIGHTS WATCH. Disponível em: <https://www.hrw.org/world-report/2019/country-chapters/sudan#ada87c> Acesso em: 23 jan. 2019.

SUDÃO: PERFIL DO PAÍS. BBC NEWS. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-africa-14094995> Acesso em: 03 fev. 2019.

TERAZZI, LARA. AS MUTILAÇÕES AO FEMININO OCORRIDAS NA ÁFRICA, O RELATIVISMO CULTURAL INTERNACIONAL E A DISCRIMINAÇÃO POSITIVA EM PROL DA IGUALDADE DE GÊNERO NO DIREITO BRASILEIRO. Disponível em: <https://larateraz zibasso.jusbrasil.com.br/noticias/521987065/as-mutilacoes-ao-feminino-ocorridas-na-africa-o-relativismo-cultural-internacional-e-a-discriminacao-positiva-em-prol-da-igualdade-de-genero-no-direito-brasileiro> Acesso em 14 jan. 2018.

TIPOS DE ESCRAVIDÃO NA ÁFRICA.THOUGHTCO. Disponível em: <https://www.thoughtco.com/types-of-slavery-in-africa-44542> Acesso em: 19 jan. 2019

UNAMID. NAÇÕES UNIDAS. Disponível em: <https://peacekeeping.un.org/en/mission/unamid> Acesso em: 25 jan. 2019.

UNISFA. NAÇÕES UNIDAS. Disponível em: <https://peacekeeping.un.org/en/mission/unisfa> Acesso em: 25 jan. 2019.

UNMISS. NAÇÕES UNIDAS. Disponível em: <https://peacekeeping.un.org/en/mission/unmiss> Acesso em: 25 jan. 2019.

USO DE FORÇA EXCESSIVA EM PROTESTOS SUDANESES. NAÇÕES UNIDAS. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2019/01/1655672> Acesso em: 25 jan.2019

USO DE PRODUTOS PARA CLAREAR A PELE. ESTADO DE MINAS GERAIS. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2018/08/14/interna_internacional,980091/uso-de-produtos-para-clarear-a-pele-se-estende-na-africa.shtml> Acesso em: 17 jan. 2019

VIOLÊNCIA NA REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO CONGO. GLOBAL CONFLICT TRACKER. Disponível em: <https://www.hrw.org/world-report/2019/country-chapters/democratic-republic-congo> Acesso em: 27 jan. 2019.

WATER AID. WATER AID> Disponível em: < https://www.wateraid.org/us/> Acesso em: 15 jan. 2019

WENDE, HAMILTON. O SEGREDO DO PAÍS AFRICANO QUE MULTIPLICOU POR 100 SUA RIQUEZA EM 50 ANOS. BBC BRASIL. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-37306069> Acesso em 5 jan. 2019.